

NEIDE DA SILVA SOUZA MELO

**O CLÍTICO “SE” COM VALOR REFLEXO OU RECÍPROCO:  
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**

UBERLÂNDIA  
2005

NEIDE DA SILVA SOUZA MELO

**O CLÍTICO “SE” COM VALOR REFLEXO OU RECÍPROCO:  
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maura Alves de Freitas Rocha.

UBERLÂNDIA -MG  
2005

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação / mg- 08/05

M528c Melo, Neide da Silva Souza, 1962-

O clítico “se” com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolingüística / Neide da Silva Souza Melo. Uberlândia, 2005.

123 f. : il.

Orientador: Maura Alves de Freitas Rocha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pro-grama de Pós-Graduação em Lingüística.

Inclui bibliografia.

1. Sociolingüística - Teses. 2. Língua portuguesa - Pronome -

Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II.

Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU:

801.3(043.3)

Neide da Silva Souza Melo

O clítico “se” com valor reflexo ou recíproco: uma abordagem sociolingüística

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação - Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 30 de setembro de 2005.

---

Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha - UFU

---

Profa. Dra. Vania Maria Bernardes Arruda Fernandes - FCU

---

Prof. Dr. Evandro Silva Martins - UFU

Ao meu esposo,  
pelo estímulo,  
compreensão e carinho.

## AGRADECIMENTOS

À Deus. Criador e Senhor da vida, pela graça de alcançar mais uma conquista.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maura Alves de Freitas Rocha, pela orientação segura e competente, sem a qual não seria possível a realização deste trabalho. Verdadeiramente OBRIGADA!

Ao professor Dr. Evandro Silva Martins e a professora Dra. Fernanda Mussalim, pelas sugestões, no Exame de Qualificação deste trabalho.

À minha família, pelas palavras de incentivo.

Aos meus colegas mestrandos, em especial, Maria Luíza e Tatiane, com as quais compartilhei, além de textos e dúvidas, carinho e gestos de amizade, que sempre me apoiaram em diversos momentos desta caminhada.

Aos meus informantes uberlandenses que permitiram que eu adentrasse um pouco em suas vidas, concedendo-me o material indispensável para a realização deste trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meu MUITO OBRIGADO!

A gramática de uma língua é um palco onde as palavras – atores cheios de mistérios – jogam sempre com três faces: a fonológica, que muitas vezes não passa da própria presença do ator em cena (ou pelo menos a platéia de lingüistas os prefere ver); a morfológica e sintática. A platéia prefere admirar ora esta ora aquela face, conforme o clima da cena ou o calor dos bastidores. Os clíticos pronominais são daqueles atores em que as três faces são difíceis de dissociar. (PAGOTTO)

## RESUMO

Este estudo investiga as construções com o clítico “se” com valor reflexo ou recíproco no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE), com o objetivo de examinar a presença e a ausência dessa forma reflexiva, na língua oral, nas duas variedades do Português, levando em conta fatores que estariam atuando na realização ou não da variável. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Sociolingüística laboviana e da Sociolingüística Paramétrica, proposta de trabalho desenvolvida por Tarallo e Kato (1989), que tem como finalidade explicar a mudança a partir das diferenças inter e intra-lingüística. O *corpora* desta pesquisa constituiu-se de entrevistas orais do PB e do PE. O *corpus* do PB foi formado a partir de gravações da fala de 45 informantes pertencentes à comunidade de Uberlândia. Os dados do *corpus* do PE foram extraídos de entrevistas do banco de dados do Projeto Português Fundamental. Algumas hipóteses puderam ser comprovadas pelos resultados estatísticos, e outras refutadas. A análise evidenciou que entre PE e PB há diferenças significativas no que se refere à língua oral: no PB há uma relativa preferência pelo apagamento do clítico “se” reflexivo de terceira pessoa, enquanto que no PE, a preferência pelo emprego do pronome em questão é sensivelmente maior.

PALAVRAS-CHAVES: Sociolingüística, clítico reflexivo, apagamento

## ABSTRACT

This paper investigates the usage of the clitic “if” with reflecting value or reciprocal in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP), the aim is to verify the presence and the absence of this reflexive form, in spoken language, in both Portuguese varieties, bearing in mind factors which would be either carrying out the variable or not. It’s based in the theory of Labovian Sociolinguistics and Parametric Sociolinguistics, this proposal was developed by Tarallo and Kato (1989), which the aim is to explain the change considering the inter and intra-linguistic differences. The *corpora* used to develop this research consisted of spoken interviews from BP and EP. The *corpus* of Brazilian Portuguese was carried out by spoken recordings of 45 informers from the city of Uberlândia. The information of the European Portuguese *corpus* were extracted from interviews of the data base of Fundamental Portuguese Project. Some hypotheses were confirmed by statistics results, others were refused. The analysis showed that between EP and BP there are important differences in regards to spoken language: in BP there is a preference by the deletion of the reflexive clitic “if” the third person, while in EP, the preference by the usage of the pronoun, in question, is noticeable bigger.

KEY – WORDS: Sociolinguistic, reflexive clitic, deletion

## LISTA DE GRÁFICOS

1.a Distribuição da presença/ausência do clítico “se” no <i>corpus</i> do PE.....	71
1.b Distribuição da presença/ausência do clítico “se” no <i>corpus</i> do PB.....	72
2 Distribuição da presença e ausência do “se” reflexivo e recíproco no PB e PE....	73
3 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo ou recíproco conforme a variedade do Português.....	74
4 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme tipo de verbo no PB e PE.....	76
5 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbos e variedades do Português.....	78
6 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social no PB.	82
7 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbos e classe social no PB.....	83
8 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a faixa etária e variedades do Português.....	85
9 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a faixa etária no PB e PE.....	87
10 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social e faixa etária no PB.....	89
11 Distribuição da ausência do clítico “se” no português falado.....	94

## LISTA DE TABELAS

Tabela A: Caracterização dos informantes mais jovens, segundo o grau de escolaridade.....	91
Tabela B: Caracterização dos informantes acima de 45 anos, segundo o grau de escolaridade.....	93
1 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” no PE e PB.....	117
2 Distribuição da presença e ausência do “se” reflexivo e recíproco no PB e PE..	117
3 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a variedade do Português.....	118
4 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme tipo de verbo no PB e PE.....	118
5 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbos do Português.....	119
6 Distr. da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social no PB .....	119
7 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbos e classe social no PB.....	120
8 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a faixa etária e variedades do Português.....	121
9 Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a faixa etária no PB e PE.....	121
10 Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social e faixa etária no PB.....	122
11 Distribuição da ausência do clítico “se” no português falado.....	123

## LISTA DE ABREVIATURAS

- 1 DP - Determiner Phrase – Grupo de Determinante
- 2 IP - Inflectional Phrase – Grupo de Flexão
- 3 OVS - Ordem: Objeto – Verbo – Sujeito
- 4 SOB - Ordem: Sujeito – Objeto – Verbo
- 5 VSO - Ordem: Verbo – Sujeito – Objeto
- 6 VS - Ordem: Verbo – Sujeito
- 7 PE - Português Europeu
- 8 PB - Português do Brasil
- 9 SN - Sintagma Nominal

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
1.1 Introdução.....	17
1.2 A Sociolingüística laboviana .....	18
1.3 A Sociolingüística Paramétrica.....	21
1.4 Interpretação reflexiva do “se” nas gramáticas tradicionais.....	30
1.5 Propriedades dos clíticos.....	37
1.6 O clítico “se”: um fenômeno em variação No Português do Brasil.....	44
1.6.1 Formas reflexivas no Português brasileiro.....	45
1.6.2 Reflexivos no dialeto mineiro de Januária.....	48
1.6.3 Reflexivos nos dialetos de Manhuaçu e Rio de Janeiro.....	51
1.6.4 Reflexivos no dialeto de São Paulo.....	56
1.6.5 Reflexivos no dialeto de Ouro Preto.....	57
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	62
2.1 Introdução.....	62
2.2 Questões, hipóteses e objetivos .....	62
2.2.1 Questões.....	62
2.2.2 Hipóteses.....	63
2.2.3 Objetivos .....	64
2.3 Material analisado.....	65
2.4 Envelope de variação.....	67
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
ANEXOS.....	107
ANEXO 1 – Tabelas dos informantes da pesquisa.....	109
ANEXO 2 – Critério Brasil.....	110
ANEXO 3 – Questionário para seleção dos informantes.....	113
ANEXO 4 – Roteiro para entrevistas.....	114
ANEXO 5 – Tabelas.....	117

## INTRODUÇÃO

Ultimamente, os resultados de diversos trabalhos variacionistas e gerativistas vêm demonstrando que o distanciamento entre a norma prescrita pela Gramática Tradicional e o português falado no Brasil tem se tornado cada vez mais significativo. Um exemplo que ilustra essa divergência entre o que se prescreve e o que efetivamente ocorre no português brasileiro é o apagamento do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco que vem sofrendo um processo de mudança.

A Gramática Tradicional sustenta que o clítico “se” é uma forma que interessa à expressão lingüística e que deve ser empregado nas diversas situações que o exige. Porém, o que tem sido observado é que os falantes de algumas comunidades do português do Brasil (doravante PB) estariam utilizando-se de estratégias como o apagamento ou a sua substituição pelo pronome “ele”, ao invés de empregá-lo em construções reflexivas.

O estudo de Moreira da Silva (1983 apud ROCHA, 1999, p.15) revelou que o emprego das formas reflexivas clíticas no PB estaria limitado à língua padrão e que na língua oral coloquial tais formas não estariam mais sendo empregadas com verbos intrinsecamente reflexivos. Outros pesquisadores também buscaram investigar o clítico “se”, com a finalidade de explicar diferenças que ocorrem no PB e no português Europeu doravante (PE), como o trabalho de Galves (1986), quando trata da interpretação reflexiva no PB; Nunes (1990), ao pesquisar as construções com “se” passivador e indeterminador, faz considerações sobre o “se” reflexivo; D’Albuquerque (1981) que se ocupou da perda dos clíticos num dialeto mineiro. E, os estudos de Rocha (1999), nos quais a pesquisadora investigou o apagamento do clítico “se” na cidade de Ouro Preto.

Seguindo esta linha de trabalho, é que também investigamos o clítico “se”, na tentativa de verificar em que medida os resultados das pesquisas dos autores supracitados, são atinentes ao português falado no Brasil. Partindo de um recorte realizado na comunidade de Uberlândia-MG, e retomando como hipótese mais geral, embora já testada em outros trabalhos variacionistas e gerativistas, a de que clítico “se” com valor reflexo ou recíproco estaria desaparecendo do PB.

Esta dissertação foi assim organizada: introdução seguida do capítulo 1 que explicita os princípios teóricos da Sociolingüística laboviana e da Sociolingüística Paramétrica, por meio dos quais esta pesquisa se sustenta. Além disso, o capítulo traz uma abordagem do reflexivo “se” sob o ponto de vista da Gramática Tradicional na tentativa de demonstrar como alguns gramáticos se posicionam com relação à reflexividade na Língua Portuguesa, tais como Said Ali, Rocha Lima, Cunha & Cintra e Bechara. Fazem parte também deste capítulo a síntese de alguns trabalhos variacionistas de autores que se ocuparam dos clíticos reflexivos.

O capítulo 2 apresenta informações sobre os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho, a saber: descrição do material usado, caracterização dos informantes e envelope de variação.

A discussão e análise dos dados são apresentadas no capítulo 3. Procuramos mostrar que a ausência do clítico “se” na fala uberlandense configura-se como um fenômeno em variação e, fizemos também, uma comparação entre os dialetos analisados em entrevistas sociolingüísticas realizadas com informantes das cidades de Uberlândia, Ouro Preto, Manhuaçu, São Paulo, Rio de Janeiro e no dialeto do Português Europeu. Finalmente, o capítulo 4 traz as considerações finais do trabalho.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Introdução

Neste capítulo, explicitamos os pontos básicos da Sociolingüística laboviana que trata da variação e da mudança lingüística, considerando os usos variáveis de fenômenos da língua em seu contexto social. Em seguida, apresentamos os pressupostos da Sociolingüística Paramétrica, modelo teórico proposto por Tarallo & Kato (1989) que estabelece a harmonia entre Teoria da Variação e a Teoria Gerativa, para explicar a variação e mudança lingüísticas a partir das diferenças constatadas na sintaxe das línguas.

Neste capítulo, também, tratamos das propriedades dos clíticos e da interpretação “reflexiva” do pronome de 3ª pessoa na Gramática Tradicional e na Gramática Gerativa. Em seguida, apresentamos alguns estudos variacionistas e gerativistas que abordaram a questão do clítico “**se**” reflexivo nas sentenças produzidas pelos falantes do português.

## 1.2 A Sociolingüística laboviana

A Sociolingüística laboviana é um modelo teórico-metodológico que visa a sistematização da variação existente na linguagem a partir do dado bruto, resgatando dele os mecanismos que regem sua variação e mudança.

Segundo Tarallo (1990), esse modelo que, foi proposto por Labov, é um modelo que considera a relação língua e sociedade como um princípio para os estudos lingüísticos, uma vez que a linguagem é, sem dúvida, uma forma de comportamento social. Labov afirma que “children raised in isolation do not use language; it is used by human beings in a social context, communicating their needs, ideas, and emotions [...]”<sup>1</sup> Daí a necessidade de desenvolver um modelo que tivesse como objeto de estudo a comunidade lingüística que compartilha normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Nesse sentido, Labov considera que o melhor caminho seria abandonar a tão conhecida e já desgastada concepção invariante de língua, fundada na dicotomia saussureana: língua / fala que, mais tarde foi retomada por Chomsky nos conceitos de competência / desempenho ao propor o modelo Gerativo que permitia ao lingüista trabalhar apenas com o conhecimento das regras de funcionamento da linguagem.

Na visão de Labov (1972), um estudo lingüístico deve, sobretudo, considerar os aspectos variáveis sistemáticos e próprios da competência do falante de uma determinada língua, uma vez que seus experimentos comprovam que “the existence of variation and heterogeneous structures in the speech communities investigated is certainly well- established in fact [...] the heterogeneity is not only

---

<sup>1</sup> . “Crianças que crescem isoladas não usam a linguagem; ela é utilizada por pessoas que vivem em um contexto social, comunicando suas necessidades, idéias e emoções [...] (LABOV, 1972, p.183). (Tradução de nossa responsabilidade)

common, it is the natural result of basic linguistic factors.”<sup>2</sup>

Nesse sentido, se a variação e as estruturas heterogêneas nas comunidades de fala são processos naturais, “a variação que se observa na fala das pessoas resulta da influência de fatores idiossincráticos individuais, de um conjunto de fatores lingüísticos e de uma série de fatores extralingüísticos.” (OMENA, 1978, p.17). Portanto, são estes fatores que possibilitarão a análise, porque apresentam um alto padrão de sistematicidade. E, somente por meio da correlação entre eles é que é possível, ao lingüista, chegar de fato ao conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída.

Para tanto, o sociolingüista deve apoiar-se no princípio de que a língua falada é um sistema variável de regras, cuja regularização é perfeitamente possível no âmbito da Teoria da Variação.

Segundo Tarallo (1990), Weinreich, Labov e Herzog também defendem a concepção de que, mesmo diante da variação presente na língua, é possível chegar a uma sistematização, além de assumirem a heterogeneidade das línguas como sistemática. Essas e outras idéias estão expostas nos trechos, a seguir:

1.[...] structural theories of language, so fruitful in synchronic investigation, have saddled historical linguistics with a cluster of paradoxes which have not been fully overcome.<sup>3</sup>

2. Hermann Paul, who apparently was the first to isolate the language of the individual as the most legitimate object of linguistic study.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> “A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada [...] a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores lingüísticos básicos”. (LABOV, 1972, p. 203) (Tradução de nossa responsabilidade)

<sup>3</sup> “[...] as teorias estruturais da linguagem, tão profícuas na investigação sincrônica, obscureceram a lingüística histórica com um conjunto de paradoxos que ainda não foram totalmente vencidos”. Tradução de Tarallo (1990, p. 56)

<sup>4</sup> “Hermann Paul foi aparentemente o primeiro a isolar a língua falada pelo indivíduo como o objeto mais legítimo para estudos lingüísticos”. Tradução de Tarallo (1990, p. 56)

3. [...] the hardening of the paradox in the Saussurean period, when homogeneity of language – assumed to be found in the idiolect – was drawn upon as a prerequisite for analysis linguistics.<sup>5</sup>

4. a) language of a community as a differentiated system”, b) reconcile the observed facts of linguistics heterogeneity with the theoretical desiderata of finding order and structure.<sup>6</sup>

5. A model of language which accommodates the facts of variable usage and its social and stylistic determinants not only leads to more adequate description of linguistic competence, but also naturally yields a theory of language change that bypasses the fruitless paradoxes with which historical linguistics has been struggling for over half a century”.<sup>7</sup> ((WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, apud TARALLO, 1990, p. 66)

Ao retomar o texto de Weinreich, Labov e Herzog, Tarallo observa que o que há por detrás desses importantes cinco pontos é o argumento de que “tanto em nível de comunidade quanto em nível de indivíduos falantes dessas comunidades de fala, há heterogeneidade e é precisamente nela, dentro dela que deveremos buscar estrutura, sistema e funcionamento.”(TARALLO,1990, p. 57) Isto é, a heterogeneidade da língua apresenta-se como que aparentemente desordenada, mas, na verdade, o que temos é uma desordem ordenada.

Nesse sentido, Tarallo argumenta que considerar como interdependentes estrutura, homogeneidade e funcionamento do sistema lingüístico, como acreditavam os estruturalistas, é inviável, pois, a estrutura lingüística inclui diversificação de falas da comunidade lingüística que se ordena a partir de regras que governam a variação. É esse raciocínio que permite ao pesquisador falar em

---

<sup>5</sup> “O endurecimento do paradoxo no período sassureano em que a homogeneidade da linguagem – supostamente encontrável no idioleto – era tomada como base e pré-requisito para a análise lingüística”. Tradução de Tarallo (1990, p. 56)

<sup>6</sup> “[...] a) a língua da comunidade como sistema diferenciado” e b) “tentativas de reconciliar fatos observados de heterogeneidade lingüísticas às propostas teóricas em busca de ordem e estrutura”. Tradução de Tarallo (1990, p. 56)

<sup>7</sup> “Um modelo de linguagem que acomode os fatos do uso variável e de seus denominadores sociais e estilísticos não somente leva a descrições mais adequadas da competência lingüística, como também naturalmente propicia uma teoria de mudança lingüística que vencerá os paradoxos com que a lingüística histórica tem se debatido há mais de cinqüenta anos”. (Tradução de Tarallo, 1990, p. 57)

mudança lingüística, a qual tem sua origem na variação sincrônica em uma comunidade de fala. Ela inicia-se no momento em que ocorre a generalização de uma alternância em um certo grupo de uma comunidade, alternância que se caracteriza pela diferenciação ordenada.

Nessa perspectiva, o que podemos perceber é que o modelo teórico proposto por Labov significa a própria ruptura com correntes lingüísticas de formalismos e regras. E o modelo que aqui se encaixa é a Teoria Gerativa que trabalha com o falante ideal, sem considerar o componente social da língua. Parece-nos que são duas concepções que caminham em direções opostas, mas Tarallo e Kato (1989) conseguem encontrar um ponto de equilíbrio entre estas duas concepções e propõem uma harmonia entre uma e outra. É o que será exposto na próxima seção.

### **1.3 Sociolingüística Paramétrica**

A Sociolingüística Paramétrica é modelo teórico proposto por Tarallo e Kato (1989) que procura conjugar harmonicamente as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista.

Ao propor esse modelo, Tarallo e Kato (1989) retomam uma clássica citação retirada de um manifesto de Osthoff e Brugmann (1878) e revelam a importância desse pequeno trecho naquilo que ele deixa entrever sobre teoria e método nas investigações sobre a linguagem:

Only that comparative linguist who for one emerges from the hypotheses-beclouded atmosphere of the workshop in which the original Indo-European forms are forced, and steps into the clear air of tangible reality and of the present in order to get information about those things which gray theory can never reveal to him and only he who renounces forever that formerly widespread but still used method of investigation according to which people observe language only on paper and resolve everything into terminology, systems of rules, and grammatical formalism and believe they have then fathomed the essence of the phenomena when they have devised a name for the thing – only he can arrive at a correct idea of the way in which linguistic forms live and change, and only he can acquire those methodological principles without which no credible results can be obtained at all in investigations in historical linguistics [...]<sup>8</sup>

Tarallo e Kato (1989) acreditam que Osthoff e Brugmann (1878), ao combater o excesso de racionalismo presente na teoria e no método da lingüística histórica comparatista da primeira metade de século XIX, manifestaram a necessidade de valorização do lingüista das comunidades como aquele que realmente poderia descrever e analisar o comportamento das formas lingüísticas.

Segundo Tarallo e Kato, mais tarde, a comunidade lingüística se reporta às manifestações contra a postura dos lingüistas que assumiam um procedimento metodológico fundado no racionalismo, exatamente no momento em que Labov se posiciona contra a lingüística de formalismos e regras dos gerativistas e, em contrapartida, apresenta “um modelo de linguagem que estatisticamente garante sua cientificidade, ao projetar as probabilidades dos fatores que mais favorecem, ao contrário, inibem o comportamento de formas em variação e mudança.” (TARALLO

---

<sup>8</sup> “Somente aquele lingüista-comparatista que, ao menos uma vez, emerge da atmosfera esfumada de hipóteses da sala onde as formas indo-européias originais são forçadas, e adentra o ar puro da realidade tangível e do presente a fim de colher informações sobre aqueles fatos que teorias cinzentas não conseguem nunca revelar, e somente aquele que para sempre renuncia àquele método de investigação, antigamente difundido e ainda muito usado segundo o qual as pessoas observam a linguagem somente no papel e tudo resolvem através de terminologia, sistemas de regras e formalismo gramatical, e acreditam, terem então revelado a essência dos fenômenos ao haverem alinhado um nome para a coisa – somente ele poderá chegar a uma idéia correta sobre a maneira na qual como as formas lingüísticas vivem e mudam, e somente ele poderá adquirir aqueles princípios metodológicos sem os quais não se pode absolutamente, conseguir resultados concretos em toda e qualquer investigação lingüística histórica. [...] (OSTHOFF & BRUGMAN, 1878, apud TARALLO & KATO, 1989, p. 54) (Tradução de Tarallo e Kato, 1989, p.1)

& KATO, 1989, p. 2)

Tarallo e Kato (1989) observam que “polarizar uma lingüística de regras de um lado, e uma ciência de probabilidades de outro, tem marcado presença em todas as sub-áreas de investigação em lingüística há tempo até demais.” (TARALLO & KATO, 1989, p. 2). Os autores afirmam que essa polarização teve origem na antiga oposição entre empirismo e racionalismo e foi sustentada, ao longo do tempo, pelos gerativistas de um lado, e do outro pelos variacionistas.

Para Tarallo e Kato (1989), essa controvérsia em torno do objeto de estudo da lingüística não trazia nenhum benefício para as investigações lingüísticas. Segundo os autores supracitados, há quem diga que a tentativa de abrandamento dessa oposição entre o “ser empírico” e o “ser racionalista” começou com Chomsky, assim que propôs um novo formato para a Teoria Gerativa.

De acordo com essa nova proposta de Chomsky, a lingüística Gerativa passou a postular a existência de princípios (características observáveis em todas as línguas) e parâmetros universais (características que uma língua pode ter ou não) como componentes da Faculdade da Linguagem. Nessa teoria, aos princípios que são invariantes translingüisticamente, são associadas certas propriedades (os parâmetros de variação), que são definidas em seu valor através da experiência. Assim, a sintaxe gerativa passa a ser definida como sintaxe paramétrica que procura resgatar a variação inter-lingüística.

Tarallo e Kato (1989) constataram que ao se definir como paramétrica, a teoria Gerativa apresenta pressupostos que são compatíveis com os pressupostos da teoria da Variação. E foi exatamente essa constatação que levou os autores a propor um novo caminho para as investigações lingüísticas:

aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista: a harmonia trans-sistêmica. A harmonia trans-sistêmica indica sob maneiras várias e variadas, o alcance dos resultados e a generalização e poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades, todas compatíveis entre si. (TARALLO & KATO, 1989, p. 5-6)

Segundo Tarallo e Kato (1989), um dos alcances da harmonia trans-sistêmica é a capacidade explicativa contida nas análises projetadas pela lingüística das probabilidades. Como exemplo, há a questão da controvérsia sobre os neogramáticos, a qual foi defendida por Labov que recuperou o valor desta escola no momento em que, via análise probabilística, se utiliza de fatores condicionadores sobre a mudança fonológica, delineando resultados próprios de um modelo paramétrico. Os autores afirmam que:

Labov baseia sua defesa dos neogramáticos em uma série de estudos quantitativos sobre a mudança fonológica em progresso em vários dialetos do inglês. E vai além, ao propor que a saída para a controvérsia que se instalou entre uma e outra escola, está, na pergunta que o pesquisador se faz no momento exato de recuperar a força e o poder explanatório dos dois modelos: “o que a análise dos dados revela que permita prever em que circunstâncias a síndrome neogramática sobre a regularidade da mudança fonológica se manifesta, e em que casos se pode prever a síndrome lexical-difusionista, se cada palavra tem a sua própria história? (TARALLO & KATO, 1989, p. 7)

De acordo com Tarallo e Kato, a busca da resposta a essa pergunta, levará o pesquisador à análise de levantamento de fatores condicionadores, que possibilitará prever, com segurança e certeza, que também o variacionista (aquele que trabalha com a variação intra-lingüística) está interessado em projetar e antecipar resultados cujo valor exceda os limites do intra-lingüística para o universo do inter-lingüístico.

Esses momentos de generalizações trans-lingüísticas são denominados momentos ahistóricos da teoria da variação ou de parâmetros sociolingüísticos. Tarallo & Kato observam que é importante reconhecer que “independentemente de laços genealógicos de natureza histórica e/ou geográfica, de tempo e de espaço, as línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática.” (TARALLO & KATO, 1989, p. 8). Essa convergência acaba por revelar movimentos sincronizados denominados de propriedades paramétricas.

Tarallo e Kato (1989) citam um exemplo dessa convergência, ao apresentarem o estudo de Sankoff e Tarallo (1987), em que procuram demonstrar que em duas línguas tão distantes quanto o Tok Pisin e o Português do Brasil pode haver identidade de processos em algum ponto de suas gramáticas, como é o caso do uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas.

Os autores mostram também um outro alcance da harmonia trans-sistêmica, no sentido de favorecer a compatibilização dos resultados da lingüística de probabilidades com as previsões da lingüística de propriedades paramétricas “é o realinhamento de uma propriedade de componente da gramática, do parâmetro sintático, por exemplo, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática.” (TARALLO & KATO, 1989, p. 9). Como exemplo dessa compatibilização, Kato e Tarallo apresentam um estudo que revela a tendência do Português do Brasil de perder as propriedades do Parâmetro do Sujeito Nulo também se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substitutivas, seja por SNs plenos, seja por pronomes pessoais. Desse modo, os resultados sobre variação e mudança fonológica podem antecipar um possível realinhamento das propriedades previstas no parâmetro sintático.

Tarallo e Kato (1989) mostram, ainda, uma outra situação em que a variação intra- e inter-lingüística se encontram para possibilitar a antecipação e previsão de resultados. Os autores esclarecem que, na questão do parâmetro *pro drop* (sujeito nulo), uma lingüística típica de propriedades anteciparia que, no caso de contato entre o Português do Brasil e o Espanhol americano, não haveria interferência sintática; haveria interferência apenas nos moldes previstos pelo especialista em línguas em contato, pois o português da fronteira é mais solto que o da costa e obedece à mesma organização sistêmica do espanhol americano, permitindo, inclusive, a ordem OVS. Assim é que a lingüística de probabilidades pode prever como um dialeto de uma língua, numa situação de contato, pode começar a realinhar as propriedades de seus parâmetros sintáticos.

Um exemplo, mais detalhado, de como os resultados intra-lingüísticos podem ser úteis ao realinhamento das propriedades paramétricas previstas no modelo inter-lingüístico é o estudo da variação da ordem sujeito/verbo numa perspectiva variacionista inter- e intra-lingüística.

Segundo Comrie (1977 apud TARALLO & KATO, 1989, p.13) um parâmetro é uma propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa. E acrescenta, ainda, que:

Uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades. Assim, a ordem SOV/VSO pode ser ou não um parâmetro significativo. No momento em que conseguimos correlacionar SOV com posposições e VSO com preposições de tal modo que podemos montar relações implicacionais do tipo: se VSO, então preposições e se SOV, então posposições, poderemos dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim que constitui um parâmetro. (TARALLO & KATO, 1989, p.13)

A teoria chomskyana, segundo Tarallo e Kato, propõe o parâmetro do sujeito nulo a partir desse conceito. Entre as propriedades que possibilitam uma sentença a realizar-se com sujeito nulo, está a da inversão livre do sujeito. Assim, línguas como o catalão, o italiano e o espanhol confirmaram a validade desse parâmetro. Vejamos as afirmações e exemplos, a seguir:

It has been shown in recent work that other properties systematically correlate with the null subject property: first of all subject languages generally have a free process of subject inversion, while non-null-subject languages generally do not.<sup>9</sup> (Rizzi, 1982 apud TARALLO & KATO, 1989)

- ( 1 ) Ha telefonato Gianni.
- ( 2 ) Ho trovato il libro.

Null subject languages, such as Italian and Spanish may have a phonetically unrealized pronoun as subject [...]. It characteristic of these languages to exhibit free subject inversion.<sup>10</sup> (Torrego, 1984 apud TARALLO & KATO, 1989)

- ( 3 ) Contesto la pregunta Juan.
- ( 4 ) No hablo portugues.

Catalan, being a null subject language, shows all the properties commonly associated with languages of this type: free inversion of the subject, missing subject.<sup>11</sup> (Picallo, 1984 apud TARALLO & KATO, 1989)

- ( 5 ) Ha menjat en Joan.
- ( 6 ) Ha menjat.

Tarallo e Kato (1989) colocam em cheque a correlação entre a propriedade de ter sujeito nulo e a de permitir inversão livre:

<sup>9</sup>Foi mostrado num trabalho recente que outras propriedades se correlacionam sistematicamente com propriedades do sujeito nulo: em primeiro lugar línguas de sujeito nulo geralmente tem um processo de inversão do sujeito, enquanto línguas que não permitem sujeito nulo geralmente não têm. (Tradução de nossa responsabilidade).

<sup>10</sup> Línguas de sujeito nulo, como o italiano e o espanhol não permitem um pronome não realizado foneticamente como sujeito...É uma característica destas línguas permitirem a inversão livre do sujeito. (Trad. de nossa responsabilidade)

<sup>11</sup> Catalão, sendo uma língua de sujeito nulo, mostra todas as propriedades comumente associadas com línguas do tipo: inversão livre do sujeito, sujeito não realizado. (Trad. de nossa responsabilidade)

a) a descoberta por Safir (1982) de dialetos italianos como o Trentino, que, sem permitirem a realização foneticamente nula do sujeito, admitem ainda assim a inversão livre do sujeito.

b) a descoberta de que uma língua de sujeito nulo como o português não pode ter inversão livre de sujeito. (TARALLO & KATO, 1989, p.14)

Conforme os autores, o sujeito nulo e inversão livre de sujeito parecem constituir parâmetros distintos. Desse modo, o português, o italiano e o espanhol se constituem como uma classe em função da possibilidade do sujeito nulo e o italiano, o trentino como uma outra classe. Em contrapartida, o italiano, o espanhol e o trentino juntam-se em relação à inversão livre do sujeito, enquanto, nesse aspecto, o português se alinha ao francês.

Para Tarallo e Kato (1989), a ordem VS deve ser analisada, levando-se em conta a heterogeneidade, o que possibilitará não apenas um estudo empírico mais atraente do português, mas fornecerá dados para uma lingüística trans-sistêmica a partir do fenômeno VS que ocorre em cada língua estudada.

Tarallo e Kato (1989) observam também que os estudos de propriedades paramétricas levam em conta que o fenômeno do sujeito nulo tem aplicação harmônica nos dois dialetos do português e no italiano e espanhol e não consideram o fato de que se pode haver aí uma diferença quantitativa que acaba por fazer com que o português se aproxime de língua de sujeito não nulo como o francês, mais do que línguas do mesmo parâmetro como, por exemplo, o italiano.

Nesse sentido, Tarallo e Kato (1989) afirmam que a variação trans-lingüística poderá ser estudada em função da ocorrência qualitativa e quantitativa de um fenômeno. Assim, três línguas podem ser concentradas em um mesmo parâmetro por partilharem uma mesma propriedade, mas a abordagem quantitativa poderá aproximar duas delas contra a outra em função do grau de ocorrência de um

fenômeno.

As abordagens trans-lingüísticas, segundo Tarallo e Kato (1989), tratam da variação do ponto de vista da existência ou não de uma determinada propriedade, contudo não fazem distinção de línguas que, apresentam diferenças quanto ao caráter obrigatório ou livre de uma regra ou em relação à incidência quantitativa de um fenômeno. Já as análises variacionistas intra-lingüísticas têm destacado os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de uma regra.

Em suma, o que Tarallo e Kato pretendem com a harmonia trans-sistêmica é estabelecer uma compatibilidade entre duas grandes correntes lingüísticas: a Teoria Gerativa e a Teoria da Variação. Os autores contemplam a idéia de que tanto a variação intra-lingüística quanto a inter-lingüística alcançam igual importância e que crescem à medida que uma sustenta a outra:

A variação inter-lingüística, no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, conseguiria informações cruciais em sua busca de refinamento de análise. A variação intra-lingüística, por outro lado, deixaria de se perder em meandros de possíveis fatores condicionadores; evitando, via projeções da variação inter-lingüística, levar a estatística às últimas conseqüências quando a organização do dado, em si só, já anteciparia a irrelevância dos fatores considerados.

Desse modo, o caminho empreendido por Tarallo & Kato, além de conjugar duas grandes correntes lingüísticas, não permite que a Teoria da Variação venha a se constituir em uma mera metodologia à serviço da Teoria Gerativa, e vice-versa, desde que os resultados obtidos a partir do estudo de línguas particulares, seja em que parte da gramática for, sejam parametrizados e utilizados e aplicados eficientemente.

Dado o nosso objeto de estudo e as variedades do Português considerados em nossa pesquisa, justifica-se a exposição feita sobre os principais pressupostos da Sociolingüística Paramétrica, uma vez que as variações ocorrem intra e inter-lingüísticamente.

Sendo assim, passemos às reflexões sobre o clítico “se”, feitas por alguns representantes da Gramática Tradicional, cuja preocupação é a descrição de fatos gramaticais de forma prescritiva.

#### 1.4 Interpretação reflexiva do “se” nas gramáticas tradicionais

A nossa preocupação é, como já dissemos, o estudo do clítico “se” no PB e PE. Observemos, pois, as considerações de alguns gramáticos acerca da interpretação reflexiva na língua portuguesa:

Num enfoque mais específico, Said Ali aborda a reflexividade explicitando que “distingue o gramático em geral o sentido reflexivo somente por ver o pronome reflexo junto a um verbo transitivo sem lhe alterar a significação.” (SAID ALI, 1957, p. 91). Vejamos os exemplos, a seguir:

( 7 ) “*Pedro matou-se*”. (sentido reflexivo)

( 8 ) “*Ele arroga-se o direito de punir.*” (sentido reflexivo)

( 9 ) “*Eles odeiam-se.*” (ação recíproca)<sup>12</sup>

Para Rocha Lima, “são reflexivos os pronomes pessoais átonos (objeto direto e indireto) quando pertencem à própria pessoa do sujeito da oração: o agente e o

---

<sup>12</sup> Exemplos de 7-9 extraídos de Said Ali (1957, p. 91)

paciente são um só, porque o sujeito efetua um ato reversivo sobre si mesmo.” (ROCHA LIMA, 1978, p. 286-287). Observemos os exemplos:

(10) “*Eles se arrogam o direito de vetar.* (sentido reflexivo)

(11) “*Eles se abraçaram.*” (ação recíproca)<sup>13</sup>

Os autores Cunha e Cintra esclarecem que há reflexividade “quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um pronome reflexivo.” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 272-273)

(12) “*Ele vestiu-se rapidamente.*” (sentido reflexivo)

(13) “*José e Antônio não se cumprimentaram.*” (ação recíproca).<sup>14</sup>

Bechara, por sua vez, ao referir-se à reflexividade observa que o fenômeno “consiste na inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal, ou seja, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é ao mesmo tempo, agente e paciente)”. (BECHARA, 1999, p. 176).

(14) “*João se banha.*”(reflexivo próprio)

(15) “*João e Maria se amam.*” (Reflexo recíproco)<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Exemplos 10 e 11 extraídos de Rocha Lima (1978, p. 286-287)

<sup>14</sup> Exemplos 12 e 13 extraídos de Cunha e Cintra (1985, p. 272-273)

<sup>15</sup> Exemplos 14 e 15 extraídos de Bechara (1999, p. 176)

Os autores das gramáticas tradicionais, também apresentam as três funções desempenhadas pelo clítico “se”: a reflexividade, a formação de voz passiva sintética ou pronominal e a indeterminação do sujeito:

(16) *“Tibério fez um rápido exame de consciência e achou-se culpado.”*

(17) *“Sabe-se que as línguas evoluem.”*

(18) *“Trabalhou-se com prazer.”*<sup>16</sup>

Por uma questão de delimitação do objeto de estudo, convém esclarecer que as duas últimas funções serão deixadas de lado.

Ao ler as observações mencionadas, vimos que, de modo geral, não há posicionamentos divergentes entre os gramáticos, no que diz respeito à reflexividade. Entretanto, entre eles há aqueles que revelam ter uma maior preocupação com o fenômeno em questão, haja vista a acuidade na abordagem do clítico reflexivo de 3ª pessoa.

Diante disso, vejamos mais algumas das considerações sobre o clítico “se” feitas por Said Ali e outros gramáticos, as quais julgamos necessárias ao desenvolvimento da nossa pesquisa.

Said Ali (1965) esclarece que uma das formas em que o verbo pode se apresentar é aquela em que o conjugamos com o pronome reflexivo, podendo abranger as funções de reflexividade, reciprocidade ou outras. Conforme o autor, “assim no português como em outros idiomas, o pronome reflexivo serve ocasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos

---

<sup>16</sup> Exemplos 16-18 extraídos de Cegalla (1991, p. 462-463)

exercendo diferentes funções” (SAID ALI, 1965, p. 177). Desse modo, consideremos os seguintes exemplos :

( 19 ) “*Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se.*”

( 20 ) “*Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos da roseira.*”<sup>17</sup>

Segundo o referido autor, no primeiro exemplo, ambos os infinitivos significam atos reflexos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguem sentido contrário, praticando-os o sujeito sobre si mesmo. No segundo exemplo, o ato de ferir não emana do sujeito, está intrínseca a idéia de que ele foi ferido. Said Ali observa ainda, que, há mais verbos que são usados para um e outro fim, além de *ferir-se*: *arranhar-se, molhar-se sujar-se, machucar-se afogar-se* e vários outros.

Said Ali (1965) explica que, para expressar a raiva, medo, vergonha, piedade, arrependimento, utiliza-se a linguagem de verbos pronominais: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, pasmar-se, entusiasmar-se, apaixonar-se apiedar-se, condoer-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, aborrecer-se, enfastiar-se etc.*

Ainda, segundo esse autor, há construções com verbos pronominais que têm significação ativa e o pronome reflexivo neste caso, denota apenas que a pessoa foi vivamente afetada. O autor exemplifica a situação apresentando os verbos: *gloriar-se, vangloriar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se lastimar-se, desabafar-se.*

---

<sup>17</sup> Exemplos 19 e 20 extraídos de SAID ALI (1965, p. 177)

Cegalla (1991), ao tratar da reflexividade, esclarece que os verbos pronominais abrangem os reflexivos e nos lembra que há verbos essencialmente pronominais, que só se usam com pronomes átonos, como por exemplo, *queixar-se*, *arrepender-se*, *dignar-se* e os acidentalmente pronominais como, *pentear-se*, *atribuir-se*, que nem sempre se usam com os ditos pronomes.

Vale ressaltar que, as afirmações de Said Ali e Cegalla sobre os tipos de verbos pronominais são similares às apresentadas em Bechara que também observa que “com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se* há a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada.” (BECHARA, 1999, p. 223) Para o autor, nesses casos, considera-se o “se” como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

Com referência aos atos materiais, em geral, movimentos que o sujeito executa em sua própria pessoa iguais aos que executa em coisas ou em outras pessoas, ou de que resulta efeito idêntico ao de outros atos. Said Ali (1965) esclarece que se deve dar aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: *levantar-se*, *sentar-se*, *deitar-se* *atirar-se*, *arremessar-se* *dirigir-se* *encaminhar-se*, *acolher-se*, *vestir-se*, *despir-se*, *ajoelhar-se*, *alçar-se*, *erguer-se*, *pentear-se*, *abaixar-se*, *preparar-se* *afastar-se* etc.

Ainda, com relação à reflexividade e reciprocidade, Said Ali considera que a mais “palpável confusão que a linguagem faz consiste em utilizar-se ela das mesmas formas pronominais *nos*, *vos*, *se*, tanto em construções reflexas quanto recíprocas.” (SAID ALI, 1965, p. 177) Nesse caso, julga ser conveniente acrescentar termos esclarecedores, como em *honramo-nos a nós mesmos* e *honramos-nos uns aos outros*.

Rocha Lima e Cunha e Cintra também esclarecem que, como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambigüidade com um sujeito plural. Vejamos o exemplo a seguir:

(21) “*Joaquim e Pedro enganaram-se.*”<sup>18</sup>

Nesse caso, Rocha Lima e Cunha e Cintra lembram que costuma-se remover a dúvida, fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais: *a si mesmo, a si próprios*, para marcar a ação reflexiva e *um ao outro, uns aos outros, entre si, mutuamente e reciprocamente* para marcar expressamente a ação recíproca. Observemos as sentenças abaixo:

(22) “*Joaquim e Pedro enganaram-se a si mesmos.*” (ação reflexiva)

(23) a. “*Joaquim e Pedro enganaram-se entre si.*” (ação recíproca)

b. “*Joaquim e Pedro enganaram-se mutuamente.*” (ação recíproca)<sup>19</sup>

Enfim, Bechara (1999), ao explicar a reciprocidade, chama atenção para as questões de interpretações contextuais, por exemplo, na oração “João e Maria se amam” o significado do verbo *amar* permite-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de “reflexividade”; considerando que a oração quer expressar que “João ama Maria” e que “Maria ama ao João”. Segundo Bechara, nesse caso, não mais se trata de “reflexividade pura”, mas de “reflexividade recíproca”, o autor acrescenta que a interpretação de reflexivo recíproco não mudará

<sup>18</sup> Exemplo extraído de Cunha e Cintra (1985, p. 273)

<sup>19</sup> Exemplos 22 e 23 extraídos de Cunha e Cintra (1985, p. 273)

se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

(24) a. *“João e Maria se escrevem.”* (um escreve ao outro)

b. *“João e Maria se gostam.”* (um gosta do outro)

Para melhor esclarecer essas questões de interpretações contextuais, Bechara utiliza-se dos seguintes exemplos:

(25) a. *“João e Maria se miram.”*

b. *“João e Maria se miram no espelho.”*<sup>20</sup>

Segundo o autor, a interpretação mais natural em (25.a) seria a de um reflexivo recíproco e em (25.b), a interpretação mais natural é de reflexivo “próprio”. Deste modo, são interpretações contextuais.

Percebemos que a Gramática Tradicional não menciona, em nenhum momento, o apagamento do clítico “se”, ou seja, não admite qualquer variação que se processe nesse sentido, a não ser Bechara que, de maneira muito sucinta esclarece que há casos de eliminação do pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão para exprimir aspectos estilísticos, como podemos observar nas sentenças, a seguir:

(26) *“Eu formei em Medicina.”*

(27) *“Ele classificou em 3º lugar.”*<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Exemplos 24 e 25 extraídos de Bechara (1999, p. 177)

<sup>21</sup> Exemplos 26 e 27 extraídos de Bechara (1999, p. 224)

Julgamos que essa omissão da Gramática Tradicional com relação aos fatos que, empiricamente, percebemos na língua falada, deve-se ao fato da sua função de ser prescritiva.

Em suma, fizemos a exposição de alguns autores da Gramática Tradicional sobre o emprego do clítico “se” com valor reflexo/recíproco. Apresentamos, a seguir, as propriedades dos clíticos, elementos que são sempre átonos, que variam de língua para língua.

### **1.5 Propriedades dos clíticos**

Numa proposta que se pretenda examinar algum fenômeno relacionado aos clíticos, faz-se necessário recorrer às propriedades e características dos mesmos para se chegar a conclusões teoricamente mais coerentes.

Do ponto de vista da investigação a que nos propomos, interessa-nos conhecer as propriedades dos clíticos e utilizá-las como explicações suplementares ao apagamento do clítico no PE e PB.

Pizzanelli (1998), referindo-se aos clíticos, afirma que eles são considerados espécies de núcleos agregados ao verbo, sempre átonos e, mais ainda, são elementos que podendo valer por argumentos do verbo, ocupam posições que não são próprias de argumentos do verbo.

Segundo Kayne (1975, apud PIZZANELLI, 1998, p. 2), os clíticos têm as seguintes propriedades gerais:

- a) Um clítico jamais ocorre em posição argumental.

- ( 28 ) a. “O João beijou carinhosamente a **Maria**.”  
 b. “O João beijou carinhosamente **ela**.”  
 c. \* “O João beijou carinhosamente **me**.”<sup>22</sup>

Pizzanelli argumenta que nessa propriedade tanto um DP quanto um pronome podem ocorrer em posição argumental de complemento do verbo, enquanto o clítico não pode permanecer na posição canônica de complemento, como no exemplo (28 c). Por outro lado, a posição que ocupa o clítico não é ideal nem para um DP lexical nem para um pronome, como mostram os exemplos, a seguir:

- (29) a. “O João carinhosamente **me** beijou.”  
 b. \* “O João carinhosamente a **Maria** beijou.”  
 c. \* “O João carinhosamente **ela** beijou.”<sup>23</sup>

Conforme Pizzanelli, mesmo que o clítico, o DP lexical e o pronome recebam o mesmo papel temático atribuído pelo verbo beijar, eles não se distribuem da mesma maneira, pois o clítico sempre necessita de um verbo ao qual se incorporar.

- b) O clítico não pode ocorrer em posição de adjunto.

- ( 30 ) a. “**A Maria**, o João beijou carinhosamente.”  
 b. \* “**Me**, o João beijou carinhosamente.”<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli, 1998, p. 2)

<sup>23</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli (1998, p .3)

<sup>24</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli (1998, p. 3)

O DP a Maria sendo argumento interno do verbo beijar em (30 a), é adjungido à esquerda de IP em uma posição não-argumental; porém, o clítico, como mostra (30 b), não pode ocorrer em tal posição.

c) Um clítico não pode ocorrer como item isolado.

Enquanto um DP lexical e um pronome podem ocorrer isoladamente, o clítico não pode fazê-lo independentemente de uma base verbal, observemos em (31):

(31). a. *“Quem é inteligente?”*

**A Maria**

b. *“Quem o João viu?”*

*\*Me.*

d) Um clítico não pode ser coordenado.

De acordo com Pizzanelli, dois DPs lexicais, dois pronomes podem ser coordenados. Entretanto, dois clíticos não podem ser coordenados:

(32) a. *\*“Ele me e te emprestou o passe escolar.”*

b. *\*“Ele emprestou-me e para a Maria o passe escolar.”*

c. *“Viu eu e ele.”<sup>25</sup>*

---

<sup>25</sup> Exemplos (31) e (32) extraídos de Pizzanelli (1998, p. 3-4)

d) O clítico não pode receber um acento contrastivo.

O clítico não pode receber um acento independente. Os exemplos em (33) mostram essa diferença entre clíticos e pronomes tônicos. Observemos, então:

(33) a. \* “Ele **me** emprestou o passe escolar e não **te** emprestou.”

b. “Ele emprestou o passe **para mim** e não **para você**.”<sup>26</sup>

Conforme os exemplos, o pronome **mim** pode ser acentuado. Porém, os clíticos não podem ter acento próprio, caso isso ocorra, haverá a produção de agramaticalidade, como no exemplo (33 a).

Pizzanelli, baseando-se em Silveira (1997) e Kayne (1991), esclarece que as propriedades apresentadas revelam que os clíticos assumem características que fazem deles elementos especiais: embora estejam em distribuição complementar com os DPs e com os pronomes, eles se comportam de maneira diferente dos DPs lexicais e pronomes.

Outra propriedade dos clíticos, segundo Pizzanelli, é a de que, em uma oração, nunca aparecem em posição de argumento, isso indica que eles devem ser núcleos. Ou seja, os clíticos podendo corresponder a argumentos de verbos, não podem ocorrer em posição própria dos argumentos dos verbos; eles necessitam ter apoio de uma base verbal. E ainda, os clíticos podem ocorrer em posições pré ou pós-verbais, dependendo da colocação da variedade lingüística a que pertençam.

Essas características, conforme Pizzanelli, são gerais. Porém, o Português do Brasil no que se refere aos clíticos, tem um comportamento bem diferenciado das

---

<sup>26</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli (1998, p. 4)

outras línguas românicas. Uma das peculiaridades que chama a nossa atenção é o fato do PB comportar um paradigma de pronomes, em vários aspectos, diferente dos de outras línguas românicas, conforme podemos observar no quadro, a seguir:

Quadro 1: Pronomes do Português do Brasil

CLÍTICOS	NÃO-CLÍTICOS		
	NOMINATIVO	ACUSATIVO	OBLÍQUO
me	eu	(eu)	mim
te	você (tu)	você	você (ti)
o a se lhe	ele ela	ele ela	ele ela si
nos	nós	(nós)	nós
—	vocês	vocês	vocês
os as se lhes	eles elas	eles elas	eles elas

FONTE: PIZZANELLI, Nora Lúcia F. **Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o Português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata**, Florianópolis, 1998.

De acordo com o que foi apresentado em Pizzanelli (1998), os pronomes entre parênteses estão em variação dialetal. *Tu* e *ti* (2ª pessoa) são próprios do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Segundo Pizzanelli (1998), o acusativo *eu* (1ª pessoa) alterna-se com o clítico *me* de forma diferente de *ele* e *o*, pois enquanto *me* não perdeu terreno para *eu*, o *o* perdeu para *ele* (e o objeto nulo). Já a forma nominal *a gente* funciona como um pronome, podendo substituir o pronome *nós* em qualquer contexto.

A autora mostra em sua pesquisa que, enquanto os pronomes ocupam a posição argumental, os clíticos são núcleos associados a verbos, por isso, fazem parte do complexo de núcleos que gravitam em torno do verbo. Embora, os clíticos e pronomes estejam em distribuição complementar, do ponto de vista da Teoria da

Vinculação, a complementariedade não se mantém, pois ambas as classes contêm pronominais e anafóricos, propriedade compartilhada por outras línguas românicas.

Segundo Pizzanelli (1998), o PB se distingue por apresentar um sistema de clíticos menos rico que outras línguas românicas. Assim, utilizando a rima silábica os clíticos se dividem em: clíticos com rima [ + e] *me, te, se, lhe (s), nos* e clíticos com rima [- e] *o (s), a (s), lo(s) e la(s)*.

Pizzanelli (1988) esclarece que os clíticos *me, te, se, lhe (s) e nos* são ambíguos quanto à função e ao Caso a eles associados, ou seja, podem desempenhar tanto a função de OD (e receber Caso acusativo) ao lado dos clíticos *a, o, as, os* quanto de OI (e receber Caso dativo). Porém, os clíticos *o (s), a (s), lo(s), la (s)* são puramente acusativos.

(34) .a. “*Maria **me** visitou no último final de semana.*” (OD)<sup>27</sup>

b. “*O João **me** deu um presente.*”(OI)

Segundo dados apresentados por Luíze (1997 apud PIZZANELLI, 1998, p.18) outra particularidade que faz o PB se diferenciar de outras línguas românicas, diz respeito à impossibilidade da ocorrência de mais de um clítico na sentença, como pode ser observado nos exemplos, a seguir:

(35) a. \* “*O livro, **o me** deu ontem.*”

b. \* “*O livro, **o vai me** dar amanhã.*”

Segundo a autora, a agramaticalidade das sentenças em (35) não se deve a

<sup>27</sup> Exemplos (34) e (35) foram extraídos de Pizzanelli (1998, p. 17-18)

impossibilidade de pronominalização dos dois objetos, mas ao uso de dois clíticos na mesma sentença. Entretanto, se um dos objetos é cliticizado e o outro é pronominalizado, a sentença se torna gramatical, como mostra (36), a seguir:

(36) a. “O livro, o João **o** deu para **mim** ontem.”

b. “O livro, o João vai dá-**lo** para **mim**.”<sup>28</sup>

Segundo Luíze (1997 apud PIZZANELLI, 1998, p. 19), ainda dentro do quadro de particularidades do PB, os clíticos estão em concorrência com outras formas alternativas: o pronome tônico e o objeto nulo, propriedade que abrange tanto os clíticos [ +e ] quanto [ -e ]. Os clíticos *me*, *te* e *nos* concorrem com o pronome tônico *eu* e *você* e com a expressão nominal *a gente*, que funciona como pronome no PB. Os clíticos *o*, *a*, *lo*, *la*, além de concorrer com o pronome tônico, também o faz com a categoria vazia. Observemos os exemplos, a seguir:

(37) a. “O Paulo **nos** convidou para a festa.”

b. “O Paulo convidou **nós** para a festa.”

c. “Eu entregue **o** material para Maria.”

d. “Eu entreguei **ele** para Maria.”

e. “Eu entregue  $\emptyset$  para Maria.”<sup>29</sup>

As propriedades dos clíticos apresentadas neste trabalho, tornaram-se interessantes devido ao fato de revelarem alguns aspectos que fazem do PB uma língua de comportamento diferenciado se comparado a outras línguas românicas.

<sup>28</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli (1998, p. 18)

<sup>29</sup> Exemplos extraídos de Pizzanelli (1998, p.19 e 20)

Tais propriedades são: sistema de clíticos menos rico que outras línguas, a impossibilidade de mais de um clítico por sentença, a possibilidade de concorrência de clíticos com outras formas alternativas: o pronome tônico e a categoria vazia.

É precisamente a última particularidade que mais nos interessa, pois a concorrência dos clíticos com a categoria vazia, não é restrita aos clíticos *o, a, lo, la*. Conforme os estudos de D'Albuquerque (1984), Rocha (1999) e outros, o clítico “se” também estaria se incluindo nesta propriedade, justificadamente, pela possibilidade de apagamento do referido clítico em construções do PB.

Sendo assim, essa nova caracterização do clítico “se” relacionada à concorrência com a categoria vazia, é mais uma ocorrência que contribuirá para o quadro de fenômenos relacionados com a diferenciação na fixação de parâmetro do PB, relacionado ao objeto nulo, pois, segundo Cyrino (1993) uma mudança paramétrica deve estar relacionada a outras mudanças da língua.

Na seção a seguir, apresentamos a síntese de trabalhos de autores que pesquisaram o clítico “se” no Português do Brasil.

### **1.6 O clítico “se”: um fenômeno em variação no Português do Brasil**

O clítico “se” com valor reflexo tem sido amplamente estudado e muitos foram os trabalhos produzidos, dentre os quais abordaremos, sucintamente, o de Moreira da Silva (1983), Galves (2001), o de Veado (1980), que pesquisou o emprego do referido clítico em Januária; o de D'Albuquerque (1984), que realizou trabalho semelhante em Manhuaçu e Rio de Janeiro; o trabalho de Nunes (1995), realizado em São Paulo e, por último, o de Rocha (1999), realizado na cidade de Ouro Preto.

É objeto da presente pesquisa, também observar como este fenômeno tem se manifestado no português falado na cidade de Uberlândia e comparar os resultados obtidos a partir dos dados analisados aos resultados dos trabalhos supracitados.

### 1.6.1 Formas reflexivas no Português Brasileiro

De acordo com Moreira da Silva (1983 apud ROCHA, 1999), o emprego das formas reflexivas clíticas estaria ocorrendo apenas na língua padrão e que, na língua oral coloquial, se constituiriam formas cada vez mais raras se usadas com verbos intrinsecamente reflexivos. Vejamos os exemplos, a seguir:

(38) “*Ele se vê no espelho.*”

(39) “*Ele é tão vaidoso que só fala de si*” (mesmo).

(40) “*Pedro pensou consigo (mesmo) que ele deveria partir.*”<sup>30</sup>

Para o autor, as formas reflexivas como (38), (39) e (40) se mantêm na língua padrão. Entretanto, na língua coloquial, o que ocorre é o que podemos observar nas sentenças, a seguir:

(41) “*Ele vê ele (mesmo) no espelho.*”

(42) “*Pedro desmaiou (cansou, repousou, despediu)*”

---

<sup>30</sup> Exemplos 38-42 extraídos de Rocha (1999, p. 21)

No exemplo (41), podemos perceber que a realização reflexiva está sendo feita através do pronome **ele** que, conforme o autor, é co-referente com o sujeito. E, no exemplo (42), por meio de **zero**. Conforme Rocha (1999), essas afirmações nos levam à crença de que nos diferentes estilos do Português do Brasil atual, esteja ocorrendo um fenômeno de variação da seguinte maneira:

< se > - [se] [ele] [zero]

Segundo a autora, essa variação assenta-se sob uma base impressionística, considerando que o autor não faz um estudo quantitativo de tais ocorrências em nenhuma comunidade lingüística.

Enquanto Moreira da Silva (1983) argumenta que o pronome **ele** pode realizar-se reflexivamente na língua coloquial oral, Galves teria outra explicação para o fato.

Para tanto, Galves parte do estudo de Lemle (1985) em que a autora compara o dialeto mineiro e o carioca e termina por constatar uma diferença quanto à interpretação do pronome de terceira pessoa em sentenças como (43) e (44):

(43) “*João vê ele no espelho.*”

(44) “*João se vê no espelho.*”<sup>31</sup>

A explicação de Lemle, segundo Galves, é que no dialeto carioca, (43) recebe a interpretação em que **ele** possui um índice referencial próprio, ou seja, **ele** não

---

<sup>31</sup> Exemplos 43 e 44 extraídos de Galves (2001, p. 61)

pode ser *João*. Entretanto, em (44) **se** é obrigatoriamente anafórico de *João*. No dialeto mineiro, (44) não existe, ou tende a desaparecer; já em (43), o pronome **ele** pode ou não ser co-referente de *João*.

A explicação de Lemle para os fenômenos é que “o pronome, enfraquecido com a perda de seu poder de possuir um índice referencial próprio, transforma-se numa anáfora. Na anáfora, o enfraquecimento é o total esvaimento morfológico.” (LEMLE, 1985 apud GALVES, 2001, p. 61)

Galves discute a proposta de Lemle, que mostra que **ele**, no dialeto mineiro, pode se transformar em anáfora presa. A autora argumenta que, em (40), o pronome **ele** não é reflexivo do **João**, uma vez que um é independente do outro.

Galves (2001, p. 64) tenta elucidar a questão buscando explicações na definição contextual das categorias vazias articulada ao princípio de que “um pronome é livre na sua categoria de regência”: se uma categoria vazia tem seu antecedente em posição argumental, ela é pronominal. Se é pronominal, obedece ao princípio de que todo pronome é livre em sua categoria de regência.

Segundo Galves, “é a autonomia do pronome em relação à sintaxe que explica o aparente funcionamento anafórico.” (GALVES, 2001, p. 65). A teoria só diz que o pronome é livre na sua categoria de regência, e nada mais. Sua referência efetiva lhe é atribuída apenas ao nível do discurso. O que a teoria sintática prevê é que a atribuição de uma referência a um pronome no discurso não gere uma co-indexação indevida e rejeitada pelas regras da frase.

Desse modo, a sentença, apresentada em Galves:

(45) “*João viu ele no espelho.*”<sup>32</sup>

na variedade brasileira, o pronome *ele* remete ao tópico discursivo, e o princípio de que o “pronome é livre na sua categoria de regência” não impede que esse tópico tenha a mesma referência que o sujeito da frase. “*Ele*” e “*João*” remetem à mesma pessoa, o tópico discursivo. Veja a apresentação desta relação:

“TOP  $\underset{K}{João}$   $\underset{i}{viu}$   $\underset{j}{ele}$  no espelho.”

Para Galves, a relação entre “*João*” e “*ele*” não é uma relação de dependência entre dois termos da oração. Eles são independentes um do outro; o que acontece é que o tópico para o qual aponta o pronome pode ser idêntico ao sujeito.

Galves (2001) argumenta, ainda, que os falantes do PB que têm o clítico **se** em sua gramática têm uma gramática mista e que, nos contextos em que se configura uma violação do princípio “de que o pronome é preso em sua categoria de regência” dão preferência a usar o elemento anafórico nas sentenças. Mas quando essa violação se manifesta mais fracamente, aceitam mais facilmente a possibilidade da co-referência com o pronome.

Portanto, diferentemente de Lemle, Galves assume a posição de que o pronome **ele**, como no exemplo (40), não pode ser reflexivo do sujeito da sentença, é, pois, um pronome que remete ao tópico discursivo.

---

<sup>32</sup> Exemplo extraído de Galves (2001, p. 65)

### 1.6.2 Reflexivos no dialeto mineiro de Januária

Veado (1980 apud ROCHA, 1999) investigou o uso do Clítico “**se**” no dialeto da região Sanfranciscana de Januária, a partir dos dados de gravações informais realizadas com 45 informantes distribuídos conforme faixa etária: 15 a 19 anos; 20 a 50 anos e de 51 em diante; ambos os sexos e escolaridade: embora alguns dos informantes tinham a 2ª série do ensino fundamental, a maioria não era escolarizada.

Nessa pesquisa, a autora constatou apenas um caso de uso do **se** reflexivo e concluiu que o emprego do referido clítico pode ser caracterizado como um empréstimo do dialeto urbano da cidade de São Paulo:

(46) “*A gente tem que se virá*”<sup>33</sup>

Veado constatou, também, dificuldades quanto à compreensão de expressões em estruturas com “**se**” com valor reflexo, como podemos observar nas sentenças, a seguir:

“*Entrevistador: Você conhece alguém que **se matou**?*”

(47) “*Como assim? Que suicidô?!...*”

“*Entrevistador: Você conhece alguém que matou?*”

---

<sup>33</sup> Exemplos (46) e (47) extraídos de Rocha (1999, p. 39 e 40)

(48) *“Conheci. O seu Geraldo. O que ele matô tava brigano com o filho dele. Aí, o seu Geraldo matô ele.”*<sup>34</sup>

Conforme a autora, fatos relatados em sua pesquisa, revelaram que a dificuldade que os informantes têm quanto ao emprego do “**se**” reflexivo se deve ao fato de que estes parecem não compreender a noção de reflexivização representada pelo “**se**”, exceto, quando usam o verbo banhar, mas mesmo assim, não faz uso de “**se**” reflexivo na resposta. Segundo Veado, isso se justifica devido ao fato de que este verbo é altamente empregado intransitivamente, com o sentido de “tomar banho”, como na sentença, a seguir:

*“Entrevistador: Você se banha todos os dias?”*

(49) *“Eu banho sim; lá no tanque.”*

A autora acabou por concluir que a reflexivização através do pronome “**se**” não faz parte do sistema lingüístico do dialeto falado pelas pessoas de Januária. O trabalho de Veado é relevante para nossa pesquisa porque permite-nos observar que a escolaridade é um condicionamento importante na variação do clítico “**se**”. no dialeto mineiro, uma vez que a autora, se referiu à região Sanfranciscana de Januária, como aquela que situa entre as de maior índice de analfabetismo em Minas Gerais.

---

<sup>34</sup> Exemplo extraído de Rocha (1999,p.40)

### 1.6.3 Reflexivos nos dialetos de Manhuaçu e Rio de Janeiro

D'Albuquerque (1984) investigou o emprego do clítico *se* recíproco e reflexivo no dialeto de Manhuaçu, Minas Gerais e dialeto da zona norte ou subúrbios do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada a partir de dados provenientes de elicitación de verbos por meio de quarenta gravuras, que levaram os informantes a usarem verbos pronominais reflexivos e recíprocos, e análise do livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus.

O fator interno adotado e observado nessa pesquisa foi o tipo de verbo: “verbos essencialmente pronominais aqueles cujos pronomes oblíquos não funcionam como objetos e verbos acidentalmente pronominais, aqueles cujos pronomes oblíquos funcionam como objetos; recíprocos e indeterminados”, conforme D'Albuquerque.

A partir das observações feitas, a autora conclui que os casos de apagamento do clítico pelas pessoas de Manhuaçu foram considerados estratégias usadas pelos falantes para se evitar o uso do reflexivo, como podemos observar, a seguir:

- Verbos em construção essencialmente pronominal e acidentalmente pronominais, transitivos, reflexivos são usados sem os respectivos pronomes:

(50) a. *“Ele aproveitou da situação.”*

b. *“Ela machucou na bicicleta.”*<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Exemplos extraídos de D'Albuquerque (1984, p. 99)

- O pronome recíproco cede lugar a expressões tais como: “ *um ao outro*”, “*um com o outro*”, “*um do outro*”.

(51) “*Eles cumprimentaram um ao outro.*”

- Certas construções nas quais o pronome seria usado, são substituídas por construções equivalentes:

(52) “*Ela se decepcionou com o resultado.*” → “*Ela ficou decepcionada...*”

- Os falantes preferiram alternativas de regência verbal que evitam o pronome:

(53) “*Ele se curou da gripe.*” → “*Ele curou a gripe*”

- Verbos que provocariam a ambigüidade da sentença, sem a presença do pronome, foram substituídos por outros:

(54) “*Ele se jogou no rio.*” → “*Ele suicidou no rio.*”<sup>36</sup>

Considerando a elicitación de verbos por meio das gravuras, a autora observou os seguintes resultados: para as estruturas com verbos pronominais reflexivos, o percentual de presença do pronome em Manhuaçu era de 35% e no Rio de Janeiro 81%; para as estruturas com verbos pronominais recíprocos, 53% e 88%, respectivamente.

---

<sup>36</sup> Exemplos 51-54 extraídos de D’Albuquerque (1984, p. 99)

De acordo com os resultados, D'Albuquerque observou uma ordenação intralingüística e uma ordenação extralingüística. Na ordenação intralingüística há uma hierarquia de percentual de presença do pronome, que é a mesma nas duas localidades estudadas: recíproco > reflexivo > indeterminador. Na ordenação extralingüística, os dados evidenciaram que o Rio de Janeiro emprega mais os pronomes que Manhuaçu e que o processo de mudança gramatical estava mais avançado em Minas Gerais do que no Rio de Janeiro.

No que diz respeito ao emprego dos verbos pronominais, por ocorrência, em textos de entrevistas, os resultados revelam que: a presença de verbos pronominais reflexivos em Manhuaçu (16%) é inferior ao Rio de Janeiro (70%). Com os verbos essencialmente reflexivos, o resultado aproxima-se do resultado anterior (37% e 74%, respectivamente); com verbos acidentalmente reflexivos acontece o mesmo (10% e 68%) e, finalmente, para os verbos pronominais recíprocos, o resultado é o seguinte: Manhuaçu (11%) e Rio de Janeiro (86%).

Quanto à hierarquia intralingüística, os resultados revelam diferenças em relação aos elicitados através da apresentação de gravuras. Em Minas Gerais, houve um maior número de ocorrências de reflexivos que os recíprocos e, no Rio, ocorreu o inverso, embora o emprego dos recíprocos tenha sido consideravelmente baixo tanto em Manhuaçu quanto no Rio. De mais a mais, os informantes das duas regiões conservaram os clíticos em maior proporção para os verbos essencialmente pronominais, estando mais acentuada em Minas Gerais.

Na terceira parte da pesquisa, o livro "*Quarto de Despejo*" de Carolina Maria de Jesus, foi tomado como *corpus* secundário para São Paulo. E, com base na escrita de uma pessoa semi-escolarizada, verificou-se que o fenômeno do desaparecimento dos clíticos existe e mostrou-se num nível mais adiantado em

Minas Gerais do que no Rio de Janeiro.

O resultado dos dados analisados mostrou que a presença do pronome átono não é constante, sendo bem diferentes os percentuais encontrados nas regiões pesquisadas.

Levando-se em consideração a hierarquia intralingüística, é possível observar que o pronome recíproco teve maior número de ocorrências que o reflexivo e a diferença entre os verbos essencialmente e acidentalmente reflexivos aumentou consideravelmente, sem alterar a hierarquia.

Por último, a autora fez um confronto dos resultados obtidos nas pesquisas e constatou, também, que um mesmo item lexical verbal foi usado “pronominalizado” ou “despronominalizado”, num mesmo momento histórico, não só por informantes diversos, como também pelo mesmo informante e que, alguns itens lexicais conservaram os clíticos em maior porcentagem do que outros.

Os dados numéricos, lexicais e semânticos levaram a autora a propor duas hipóteses: uma sintática e outra semântica.

Na primeira, ela argumenta que se o objeto direto não reflexivo pode ser omitido, o reflexivo também passará a ser omitido. D’Albuquerque esclarece que esta é a primeira generalização que explica a mudança lingüística em andamento. A autora busca recursos explicativos para essa hipótese na possibilidade do cancelamento do objeto direto, quando representado por pronome pessoal de terceira pessoa, fenômeno considerado bastante comum, na fala dos brasileiros.

A segunda generalização que a autora apresenta é que, se o objeto direto reflexivo em verbos acidentalmente pronominais pode ser omitido, passa a ser omitido também nos essencialmente pronominais, sendo que nos verbos acidentalmente pronominais, a ausência do reflexivo é de ordem sintática e nos

verbos essencialmente pronominais é de ordem lexical.

A autora concluiu que a permanência de determinados itens lexicais nas pesquisas realizadas, os contrastes de percentuais entre verbos do mesmo tipo gramatical e a oscilação de uso do clítico num mesmo momento histórico, indicaram um outro motivo responsável pela queda dos clíticos na língua falada, além da possibilidade de omissão do objeto ou do sujeito.

Assim, é que a autora explora uma hipótese de explicação semântica, procurando identificar um traço semântico comum aos verbos que são usados, atualmente, desacompanhados de pronomes. Sua explicação é a de que nos verbos acidentalmente pronominais, as ocorrências de falta da marca de reflexividade mais vezes e por mais pessoas corresponde a uma grande previsibilidade semântica do objeto desses verbos nos seus usos mais comuns. Assim, os verbos: *levantar*, *sentar*, *deitar* perdem a sua marca reflexiva, porque o seu uso transitivo não reflexivo representa uma situação anômala, pois as situações de *levantar*, *sentar* e *deitar* mais comuns são aquelas em que o agente é também o objeto da ação. Essa superposição de papéis semânticos é sentida como tão óbvia que a marca de reflexividade se torna desnecessária ao ponto de esvair-se.

Para a autora, a preservação de determinados reflexivos inerentes por parte dos informantes deve-se à apreensão por pura memorização e até mesmo pela influência da linguagem dos personagens de televisão, como nos exemplos: “*sentir-se bem*”, “*danar-se*”, “*virar-se*.”

D’Albuquerque afirma que a língua tem dois fatores opostos e que se equilibram: “o fator semântico, que faz cair a marca morfológica de reflexividade semanticamente vazia e o fator léxico, que preserva o molde formal do verbo reflexivo.”(D’ALBUQUERQUE, 1984, p. 118). A resultante dessas duas forças é que

permite a existência de uma taxa mais alta de presença da reflexividade para os verbos inerentemente reflexivos.

No que diz respeito à hierarquia encontrada nos dados: recíprocos > reflexivos essenciais > reflexivos acidentais, essa seria uma evidência a favor da teoria de Chen e Wang (1973). Tais autores postulam que uma mudança lingüística não ocorre em todos os itens lexicais de uma só vez.

Considerando essa hipótese, D'Albuquerque afirma que seus dados mostraram que diversos fatores são responsáveis pela transformação lingüística de eliminação dos clíticos na função de reflexivos e recíprocos, pois, “além dos fatores históricos e psicológicos que distinguem as duas regiões pesquisadas (Rio de Janeiro e Manhuaçu), fatores lingüísticos de ordem sintática, léxica e semântica existem para explicar esta mudança gradual.” (D'ALBUQUERQUE, 1984, p. 119)

#### **1.6.4 Reflexivos no dialeto de São Paulo**

Nunes (1995 apud ROCHA, 1999) investigou um *corpus* diacrônico e sincrônico obtido a partir de dados retirados do dialeto de São Paulo, com o objetivo de verificar a presença /ausência do clítico “se” nas sentenças em função das especificações lexicais do verbo ou em função do contexto sintático.

Nessa pesquisa, os fatores condicionadores internos e externos considerados foram: o tipo de verbo, as grades temáticas dos verbos, os processos lexicais que afetam a grade temática dos verbos, a faixa etária, a escolaridade, as modalidades oral e escrita.

A partir da análise dos resultados, Nunes constatou que, entre os fatores selecionados, a escolaridade se mostra como um fator de importância ímpar no

condicionamento da variação existente no português falado, pois a eliminação dos clíticos anafóricos decresce à medida que o nível de escolaridade aumenta: 1º grau: 65%, 2º grau: 57%, 3º grau: 32%.

No que se refere ao tipo de verbo, o autor supracitado constatou que o apagamento do “se” ocorre mais quando o verbo é de ação (91%), ao contrário do que ocorre com os verbos de processo (31%) e estado (1%). Quanto aos dados analisados do PE, o autor observou 11% de supressão dos reflexivos contra 36% de ausência no PB.

Nunes chega à conclusão de que a eliminação dos clíticos anafóricos ocorre dependendo do tipo de clítico, tipo de verbo e da grade temática de tal verbo.

#### **1.6.5 Reflexivos no dialeto de Ouro Preto**

Rocha (1999) trabalhou com 1085 dados provenientes de dois dialetos: Português Brasileiro (dialeto da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais) e Português Europeu com o objetivo de verificar se a tendência de perda de clíticos estaria também presente no dialeto mineiro falado na cidade de Ouro Preto.

Foram selecionados condicionadores internos e externos, a saber: (i) a presença ou ausência lexical do sujeito na oração; (ii) tipos de verbos (ação, processo e estado); (iii) pronomes verdadeiramente reflexivos e falsos reflexivos; (iv) escolaridade; (v) faixa etária; (VI) estilo: formal e informal.

Como resultado, Rocha observou que houve 44% de supressão dos clíticos reflexivos de terceira pessoa no dialeto falado de Ouro Preto e revelou que se surpreendeu com os números pelo fato de os trabalhos analisados por ela

apresentarem um percentual bem mais alto de supressão do “se” ou por afirmarem que o uso de reflexivos se restringe à língua padrão.

A autora observou também que a supressão dos falsos reflexivos apresentou .53 de probabilidade e os verdadeiros reflexivos .33. Esses dados confirmaram a hipótese de que os falsos reflexivos seriam mais suprimidos do que os verdadeiros reflexivos.

Quanto aos condicionamentos externos à língua, a autora constatou que a escolaridade é o fator que mais influencia na supressão do clítico reflexivo, e o 1º grau é o responsável pelo maior número de supressão, apresentando 78% de ausência de reflexivos nas entrevistas sociolinguísticas, enquanto o terceiro grau apresentou 56% de emprego do “se”.

Quanto ao estilo mais e menos formal, Rocha verificou que o estilo [-formal] apresentou uma probabilidade de .55 de supressão dos reflexivos, uma probabilidade bem superior ao estilo [+formal] que registrou .17 de probabilidade de ausência do reflexivo em estudo. Rocha constatou também que a presença de sujeito lexicalizado desfavorece a ausência do clítico reflexivo.

No que diz respeito aos três tipos de verbos analisados pela autora, o verbo de processo é o que mais condiciona a supressão do “se” reflexivo com probabilidade .70; em segundo se apresenta o verbo de estado, com .28 e, por último, o verbo de ação com .26.

Quanto ao PE, Rocha (1999) encontrou somente 8% de supressão do reflexivo de terceira pessoa. A autora comparou os resultados de supressão observados no PB aos 8% do PE e constatou que, dentre os fatores externos selecionados, estes dialetos se diferenciam apenas em relação ao fator faixa etária dos informantes:

No dialeto de Ouro Preto não há diferença significativa entre ausência do “se” e faixa etária jovem ou entre uso e faixa etária mais velha, na análise global dos dados, vimos que esta faixa etária, juntamente com os velhos, é a responsável pela maior porcentagem de supressão do se. Os outros fatores selecionados apresentam um percentual semelhante ao PB: a escolaridade de 1º grau (.59); o sujeito nulo (.79) e os verbos de processo (.59) são os fatores internos e externos que mais favorecem a ausência do se reflexivo. (ROCHA,1999, p. 117).

A autora chama a atenção para os números relacionados à faixa etária no PE e ressalta que os informantes jovens e medianos são os que favorecem a ausência do pronome apresentando, respectivamente, (.75) e (.57) de supressão e os velhos apresentam somente (.42) de supressão. Para a autora, isso significa que as construções com apagamento podem ser consideradas inovadoras da língua e que, com base no tempo aparente, o PE pode estar caminhando para um processo de mudança.

O resultado, apresentado em cada um dos trabalhos aqui resenhados, resultou em um mapeamento geográfico elaborado por Rocha (1999), no qual pode-se observar em qual das regiões a ausência do clítico “se’ ocorre com maior frequência. O quadro 2 apresenta esses resultados:

Quadro 2: Comparação entre os dados de entrevistas sociolingüísticas de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo e Português Europeu.

Dialectos	“Se”		Ø		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manhuaçu	54	16	265	83	319	100
Ouro Preto	117	25	351	75	468	100
São Paulo	227	48	243	52	470	100
Rio de Janeiro	549	70	229	30	778	100
Português Europeu	170	90	18	10	188	100

FONTE: ROCHA, Ângela de Fátima. **Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto.** 1999. 145 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

Rocha argumenta que, apesar de o total de dados analisados apresentar diferenças, 778 para Rio de Janeiro e apenas 468 para Ouro Preto, e menos ainda para o PE, a escala é: Manhuaçu > Ouro Preto > São Paulo > Rio de Janeiro > PE.

Após a análise dos resultados obtidos em nossa pesquisa, inserimos também a cidade de Uberlândia no mapeamento feito pela autora, realizando, assim, a comparação entre os dados dos dialetos pesquisados.

Os trabalhos aqui apresentados permitiram-nos observar quais são os fatores internos e externos que mais favorecem a supressão do clítico “se” e como eles são importantes na delimitação dos fenômenos e, ainda, como auxiliam na caracterização do português como um todo.

Em resumo, apresentamos os princípios básicos da Sociolingüística laboviana e da Sociolingüística Paramétrica que serviram de orientação para o nosso trabalho, uma vez que buscamos investigar o emprego do clítico “se” reflexivo nas duas

variedades do português. Apresentamos as considerações sobre a interpretação reflexiva do clítico “se” feitas por alguns representantes da Gramática Tradicional e as propriedades que refletem o comportamento particularizado do PB, no que se refere aos clíticos.

Finalmente, apresentamos os trabalhos variacionistas que mostraram o apagamento do clítico “se” reflexivo ou recíproco, na língua oral, evidenciando que esse apagamento é mais acentuado no dialeto mineiro. O próximo capítulo, traz os procedimentos metodológicos que nortearam a análise desenvolvida no terceiro capítulo.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 Introdução**

Nesta parte apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a investigação do clítico “se” reflexo ou recíproco, na língua falada, no PB e PE. A análise quantitativa segue a proposta da Teoria da Variação de acordo com Labov (1972), o que implica dizer, que para descrever o fenômeno em estudo, apoiamos-nos em um modelo que assume a correlação entre o uso lingüístico e estratificação social como pressuposto e que estabelece, via procedimento estatístico-quantitativo, a gramática de uma comunidade de fala. Primeiramente, apresentamos as questões a serem respondidas, a hipóteses que orientaram nosso trabalho e os objetivos. Em seguida, apresentamos o material analisado e, por último, apresentamos o envelope de variação.

### **2.2 Questões, hipóteses e objetivos**

#### **2.2.1 Questões**

Para investigar o emprego do clítico “se” reflexivo o recíproco, foram levantadas as seguintes questões:

- O pronome “ele” e a categoria vazia estariam se constituindo alternativas de substituição do clítico reflexivo “se” na língua oral, no

Português do Brasil e no Português Europeu?

- Há uma relação entre o tipo de clítico e o seu apagamento?
- Verbos acidentalmente pronominais têm uma tendência maior a perder as marcas de reflexividade do que os verbos essencialmente pronominais?
- O número de apagamentos do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco ocorre com maior freqüência nas fala dos informantes mais jovens?
- Qual a relação entre os falantes da classe social mais alta e a freqüência de emprego do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco?

### 2.2.2 Hipóteses

Para esses questionamentos levantamos a hipótese mais geral de que o clítico “se” com valor reflexo ou recíproco está em desuso no PB. As outras hipóteses são:

- O apagamento ou a substituição do clítico “se” reflexivo ou recíproco pelo pronome “ele” constituem alternativas utilizadas pelos falantes em oposição ao emprego dessa forma pelos falantes do PE e PB.
- O clítico recíproco é menos suprimido do que o clítico reflexivo entre os falantes do PB.
- O apagamento do clítico “se” com valor reflexo está correlacionado ao tipo de verbo: acidentalmente ou essencialmente pronominal.

- O número de apagamentos do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco ocorre com maior frequência entre os mais jovens.
- Os falantes da classe social mais alta exibem proporcionalmente uma maior frequência de uso do clítico “se” reflexivo ou recíproco na língua falada.

### **2.2.3 Objetivos**

**Geral:** Investigar o emprego do clítico “se”, com valor reflexo ou recíproco e suas variantes, na língua oral, no Português do Brasil e no Português Europeu.

**Específicos:**

- Investigar com que frequência ocorre a presença do clítico “se”, a categoria vazia e o pronome “**ele**” com valor reflexo, na língua oral, no PB e no PE.
- Investigar qual tipo de clítico sofre mais apagamento: reflexivo ou recíproco.
- Verificar se o apagamento do clítico “se”, com valor reflexo, está correlacionado ao tipo de verbo: acidentalmente ou essencialmente pronominal.
- Analisar se a faixa etária de 20 a 30 anos emprega com menor frequência o clítico “se” com valor reflexo ou recíproco, na língua oral.
- Verificar se a classe social alta emprega com maior frequência o clítico “se” reflexivo ou recíproco na língua falada.

## 2.3 Material analisado

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dois *corpora* de língua oral: o *corpus* do Português do Brasil (PB) e do Português Europeu (PE).

O *corpus* do PB, na língua falada, foi formado a partir de gravações da fala de pessoas nativas e pertencentes à comunidade de Uberlândia (Anexo 1). Para constituir este *corpus* foram selecionados 45 informantes adultos de ambos os sexos, os quais compuseram três faixas etárias, a saber: a primeira envolveu pessoas de 20 a 30 anos; a segunda, informantes de 31 a 45 anos e a terceira foi composta por sujeitos com idade acima de 45 anos.

A composição dos grupos de idade baseou-se em Labov, adaptada à realidade brasileira. Labov (2001) considera:

Divisions of the age continuum into groups must be roughly consonant with life stages. In modern American society, these events are alignment to the pre-adolescent peer group (8-9), membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of the secondary schooling and orientation to the wider world of work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family life (20-29), full engagement in the work force and family responsibilities (30—59), retirements (60s)<sup>34</sup>. (LABOV, 2001, p. 101).

Para a definição de classe social, utilizamos como método o Critério Brasil (Anexo 2), que estabelece a classificação socioeconômica da população brasileira,

---

<sup>34</sup> Divisões em grupos de um continuum de idade devem ser consoantes, de modo aproximado, com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com: grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos de pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos de adolescentes (13-16), Ensino Médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início de emprego regular e constituição de família (20-29), total engajamento no mundo do trabalho e responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 em diante). (Tradução de nossa responsabilidade).

considerando fatores tais como nível de escolaridade, a posse de bens de consumo duráveis dos chefes de família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos. Para a investigação da escolaridade, há cinco opções de resposta e para a averiguação da posse de bens de consumo, dez. De acordo com a resposta do informante, obtivemos a pontuação que determina o encaixamento do informante em classes sociais diferenciadas. Embora o Critério Brasil estabeleça para a população brasileira cinco classes sociais, a saber: A1 e A2, B1 e B2, C, D e E (Anexo 2), amalgamamos as classes e as condensamos em apenas três – A1 e A2 em classe A, B1 e B2 em classe B, classes C, D e E em C. Essa adaptação da proposta original foi feita para atingir um melhor resultado com relação à distribuição dos pontos.

Uma vez escolhida a comunidade de fala e sem perder de vista a abordagem de Labov (1972) de que o estudo da língua somente tem sentido no seu contexto social, partimos para a coleta de dados do PB gravando entrevistas com informantes em situações naturais de comunicação, fala não monitorada, ou seja, o vernáculo.

A fim de atingir a situação natural de comunicação tão desejada, no presente trabalho elaboramos um roteiro-guia de entrevista (anexo 4) para controlar os tópicos de conversação, provocar narrativas de experiência pessoal e até mesmo fazer com que a variável em estudo aparecesse no discurso.

Vale ressaltar que, a duração média de cada entrevista foi de 50 minutos e a transcrição dos textos foi feita na íntegra, ou seja, de maneira como foram produzidos pelos informantes.

Para garantir representatividade aos dados, foram selecionadas cinco pessoas para cada célula. Para Tarallo, a medida de cinco informantes para cada combinação dos fatores lingüísticos pode ser muito útil no momento de definir e caracterizar o universo da amostra. Como trabalhamos com dois fatores, cada um subdividido em três sub-fatores, chegamos ao número de 45 informantes.

Os dados do *corpus* do PE foram extraídos de entrevistas do banco de dados do Projeto CRPC – sub-*corpus* oral espontâneo, fonte Português Fundamental. Do total de entrevistas que compõem o *corpus* do projeto original, foram selecionadas por nós cem entrevistas, realizadas com pessoas portuguesas e de ambos os sexos. A esses dados foram aplicados os fatores aplicados aos representantes do PB, exceto classe social, pelo fato de que o referido projeto não trabalha com classe social dos informantes, mas com grupos profissionais.

Selecionados os dados, definido o fato lingüístico a ser estudado, feita a transcrição das fitas e tendo determinado os fatores lingüísticos e extralingüísticos passamos à codificação dos dados, utilizando programas do Pacote VARBRUL (SANKOFF, 1988), que remete diretamente à análise de grupos de fatores em função de uma variável dependente.

## **2.4 Envelope de Variação**

Para a realização da pesquisa, utilizamos o envelope de variação que consiste no elencamento dos grupos de fatores lingüísticos e não-lingüísticos, conforme as hipóteses formuladas neste trabalho. Foram utilizados os seguintes fatores no estudo do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco.

### Variável dependente

(1) “SE” reflexivo

(0) “SE” recíproco

Exs:

1 - “Quando crianças elas **se** divertiam mais que hoje...” (B-02-10)<sup>37</sup>

0 - “Eles estão sempre **se** estranhando. (B-09-16)

### Grupo de fatores

#### Grupo 1: Presença/ ausência de “se”

(a) Presença

(b) Ausência

Exs:

a - “Lógico que ele tinha que **se** preocupar em exercer a carreira tributária.  
(B-02-03)

“Eu acho que elas **se** relacionam muito bem” (B-23-15)

b - “Ele Ø esquece que todo ato nosso é político.” (B-02-06)

”Eles Ø cumprimentaram meio assim, porque quem perde é difícil de engolir.” (B-20-02)

---

<sup>37</sup> A letra maiúscula B significa entrevista do PB e os números à direita representam o número da entrevista e dado.

## Grupo 2: Tipos de verbos

- (c) Acidentalmente pronominal
- (d) Essencialmente pronominal
- (e) Outros

Exs:

c - “Na escola, eles não **se** sujavam muito.” (B-05-10)

“É exatamente a esse trabalho a que o senhor **se** dedica.” (E-07-01)<sup>38</sup>

d - “E depois de um tempo veio a notícia que ele tinha **se** suicidado.”  
(B-05-20)

e - “Ah...eles **se** vibravam porque aquilo era sangue deles.” (B-05-02)

- **Outros**

Consideramos como *outros* aqueles empregos do clítico “se” com verbos que não são considerados pela Gramática Tradicional como acidental ou essencialmente pronominais. Essa generalização se justifica pelo fato de que não é nosso objetivo, neste trabalho, descrever tipos de verbo, e sim, verificar qual tipo de verbo favorece mais o apagamento do clítico na sentença.

## Grupo 3: Classe social

- (f) Classe baixa
- (g) Classe média
- (h) Classe alta
- / - Não se aplica

---

<sup>38</sup> A letra maiúscula E significa entrevista do PE e os números à direita representam o número da entrevista e dado.

#### Grupo 4: Faixa etária

- (i ) 20 a 30 anos
- (j ) 31 a 45 anos
- (k) Acima de 45 anos

#### Grupo 5: Variedades do Português

- ( l ) Português do Brasil
- (m) Português Europeu

Exs.:

l - “Ela foi pra UTI e lá ela foi **se** recuperando...” (B-04-13)

m - “Bem, ele vem para **se** vestir, ele vem.” (E-01-01)

Em suma, neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que orientaram a proposição dos fatores de variação, com o objetivo de investigar o emprego de clítico reflexivo “se” no PB.

É importante esclarecer que, subjacente à utilização dos fatores, está a manutenção da decisão de que:

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Labandeira [...] ao modelo varicionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano [...], decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de percentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente[...] (TARALLO & KATO, 1989, p. 38-39)

No capítulo seguinte, apresentamos a análise e a discussão dos resultados .

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

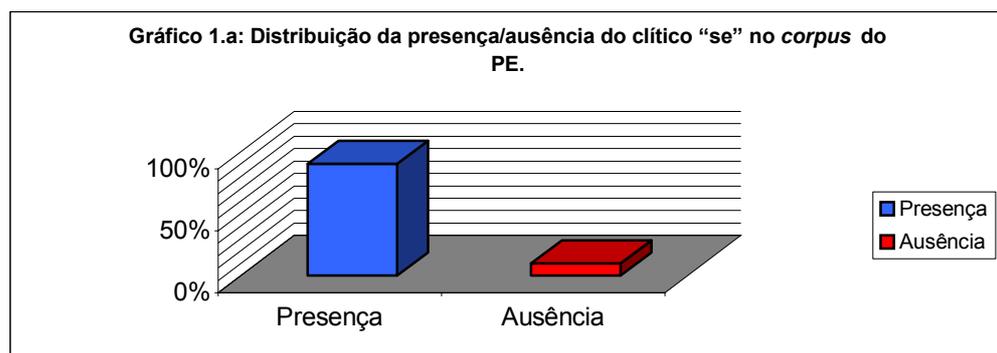
#### 3.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos resultados obtidos, após o cruzamento da variável dependente com os grupos de fatores estabelecidos no capítulo anterior.

Examinamos a presença e a ausência do clítico reflexivo ou recíproco “se”, levando-se em consideração os fatores lingüísticos e extralingüísticos que estariam atuando na realização da variável.

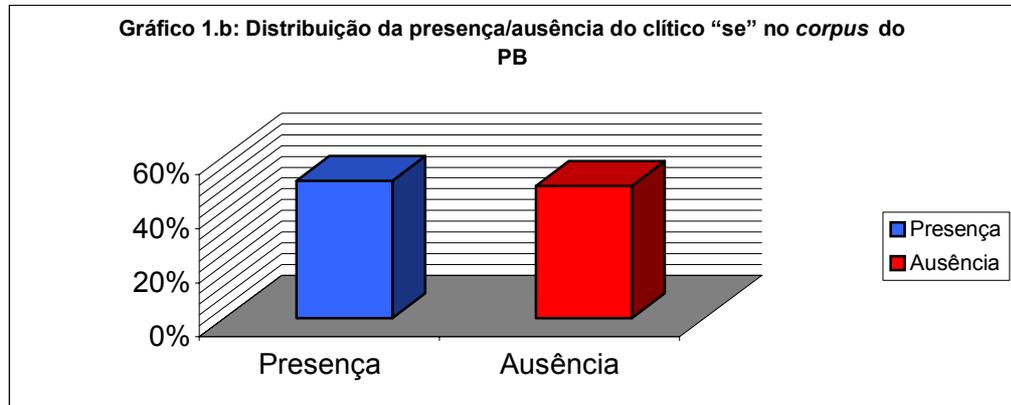
O *corpus* compõe-se de 848 dados<sup>39</sup>, distribuídos nas duas variedades do português – PE e PB. Desse total, 660 são do PB e 188 do PE, distribuídos da seguinte forma:

No Gráfico 1.a, apresentamos os valores da distribuição da presença/ausência do clítico “se” no *corpus* do PE.



<sup>39</sup> Os dados referentes a todos os gráficos utilizados neste capítulo encontram-se nas tabelas do Anexo 5.

No Gráfico 1.b são apresentados os valores percentuais relativos à distribuição da presença /ausência do clítico “se” no *corpus* do PB.



Os dados apresentados nos Gráficos 1.a e 1.b evidenciam que, do total de ocorrências do PE, 90% são de presença do clítico “se” reflexivo ou recíproco, enquanto que, a ausência do pronome em questão atinge o percentual de 10%. Já no PB, a presença do clítico atinge o índice de 51% e a ausência 49%.

Os resultados revelam que a diferença entre os percentuais de ausência e presença do clítico em questão é de apenas 2%, ao passo que no PE, a diferença alcança o índice de 80%.

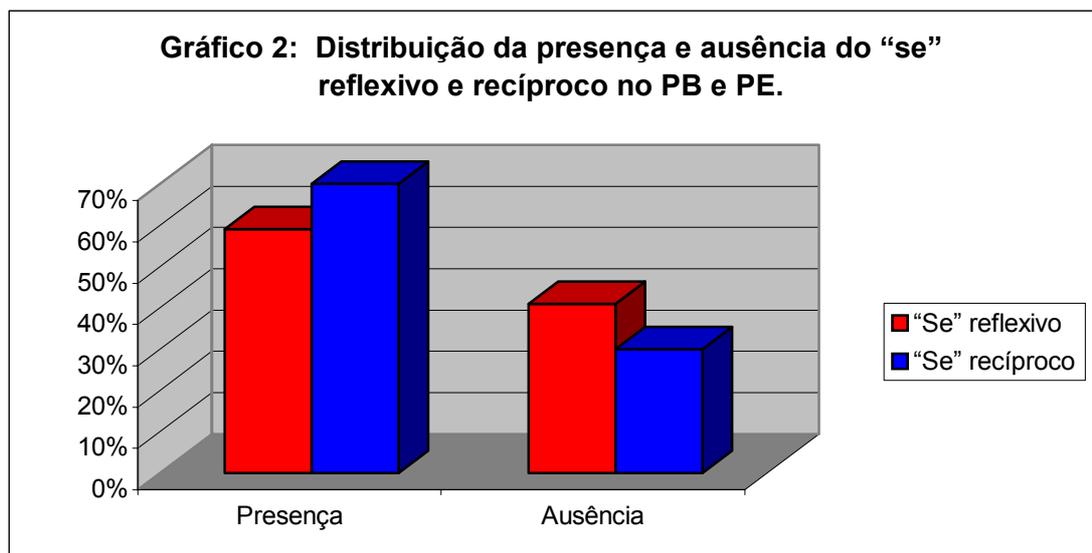
Esses percentuais de apagamento nas duas variedades do Português nos reportam aos estudos de Galves (1993) que afirmam que, a partir da segunda metade do século XIX, a frequência de fenômenos que evidenciam as diferenças entre as duas variedades do Português, se tornam cada vez mais comum.

Em Galves (1993), a autora considera que o desaparecimento do clítico acusativo e a reorganização do sistema de pronomes resultam do enfraquecimento da concordância no PB. De acordo com a autora, pode-se considerar como concordância “fraca” aquela que não contém pessoa ou contém pessoa como um

traço sintático. Esse é um fenômeno característico do PB, pois não existe na flexão verbal oposição entre a primeira, segunda e terceira pessoas, mas apenas uma oposição binária: pessoa/não pessoa, conjugada a uma oposição singular/plural. Daí ser fraca a concordância, pela ausência da segunda pessoa.

Assim, juntando-se ao quadro de fenômenos que diferenciam PE e PB, a ausência do clítico “se” reflexivo constitui-se mais um argumento a favor das alterações paramétricas no PB. Essa explicação se sustenta na afirmação de Cyrino (1993) que postula que uma alteração no parâmetro de uma língua envolve, não apenas uma mudança, mas outras que estejam ocorrendo simultânea ou quase simultaneamente. Assim, uma única ocorrência de novas construções não implica mudança de um parâmetro, mas pode contribuir para isso.

O Gráfico 2, a seguir, mostra a distribuição do clítico “se” reflexivo/recíproco nas duas variedades do Português, considerando o total de dados:



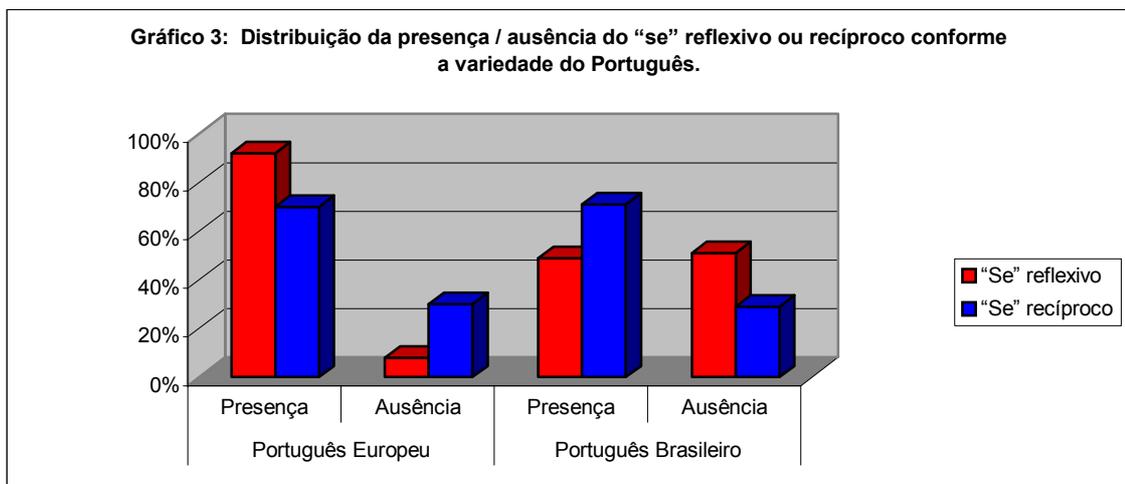
Dadas as informações do Gráfico 2, depreende-se que há uma diferença significativa nos percentuais de presença e ausência do clítico “se”, uma vez que o

que se verifica é que, do total dos dados em análise, há um percentual de 59% de presença do clítico reflexivo e 41% de ausência, ao passo que o clítico recíproco tem um índice de 70% de ocorrência e 30% de apagamento. Isso significa que, se considerarmos as duas variedades do Português, os falantes, de modo geral, mantêm, em maior número, a presença do clítico recíproco. Portanto, os resultados permitem a seguinte ordenação, ao considerarmos o percentual de presença dos clíticos reflexivos/recíprocos nas duas variedades:

Recíproco > Reflexivo

Nessa ordenação, há uma hierarquia de freqüência de emprego do recíproco maior que o reflexivo.

No Gráfico 3, a seguir, podemos observar a distribuição da presença e da ausência do “se” reflexivo e do “se” recíproco, separadamente, em cada variedade do Português:



Conforme o Gráfico 3, os resultados revelam que, inter-lingüisticamente, o fenômeno de apagamento do clítico “se” reflexivo não ocorre uniformemente. Os dados mostram que, do total de ocorrências do “se” reflexivo, há 92% de presença do clítico em PE, enquanto a ausência do pronome atinge o percentual de apenas 8%. Esta diferença não é significativa, uma vez que percebemos um equilíbrio nos dados do PE. O mesmo não acontece com o PB, pois de acordo com o gráfico, temos 51% de ausência do pronome e 49% de presença.

Quanto ao “se” recíproco, os dados revelam que o PE e o PB apresentam um quadro bastante similar: no PE há um percentual de 70% de presença e 30% de ausência e no PB podemos notar que o gráfico mostra que a ausência do pronome atinge um índice de 29% e presença de 71%.

Se amalgamarmos os resultados relativos à ausência do clítico reflexivo e recíproco no PB, teremos um percentual de 80% de ausência, número significativo para a comprovação da nossa hipótese: o clítico “se” está em desuso no Brasil, em se tratando da língua oral.

Com relação ao fator presença e ausência, nossa hipótese previa que o clítico recíproco sofre menos apagamento que o clítico reflexivo entre os falantes do PB. Os resultados mostram evidências favoráveis a esta hipótese, uma vez que a diferença entre o índice de apagamento do pronome reflexivo e do recíproco é de 22%.

Assim, ao considerarmos o percentual de ausência de pronomes reflexivos/recíprocos e as duas variedades do Português, temos as seguintes ordenações:

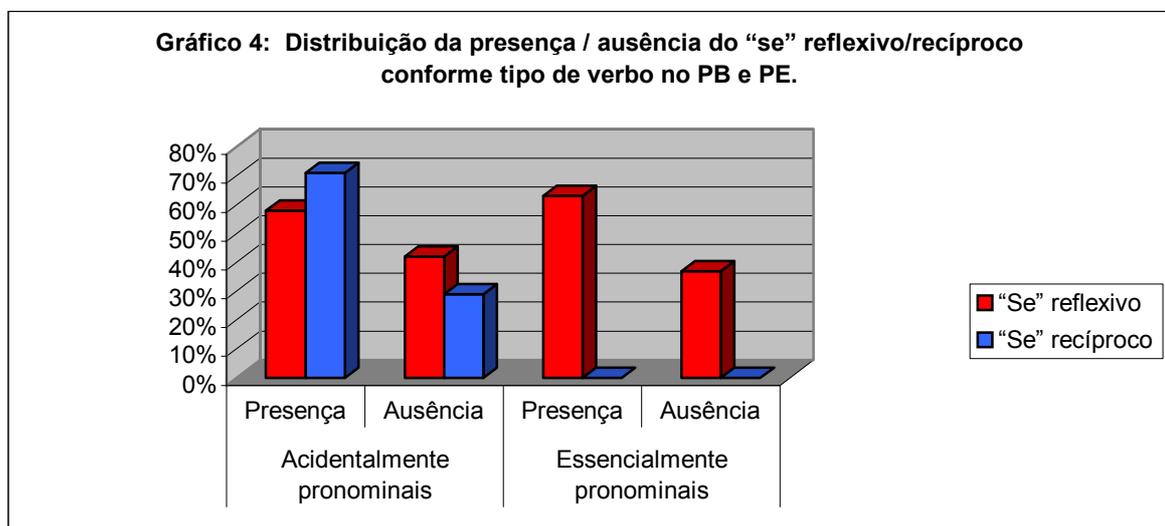
PE: Reflexivo > Recíproco

PB: Recíproco > Reflexivo.

Comparando com a ordenação apresentada na análise do Gráfico 2 percebemos que, no PE ela foi alterada, pois a frequência de emprego do recíproco é maior, ao passo que no PB, a ordenação se mantém.

### 3.2 Os tipos de verbos X presença e ausência dos clítico “se”

O Gráfico 4 nos mostra a distribuição global da presença e ausência do “se” reflexivo conforme os tipos de verbos, considerando o total dos dados das duas variedades em estudo.



Os resultados do Gráfico 4 evidenciam que, junto aos verbos essencialmente pronominais, a presença do clítico reflexivo se apresenta com um percentual de 63% e 58% para os verbos acidentalmente pronominais. No que se refere à

ausência, o resultado atinge o índice de 42% com verbos acidentais e 37% com os verbos essencialmente pronominais. Os dados confirmam que a diferença percentual da ausência do clítico reflexivo entre os verbos acidentalmente e essencialmente pronominais é de 5%, o que não é significativo, segundo o critério que aponta o valor igual ou maior que 15% para significação do percentual.<sup>40</sup>

No que diz respeito ao clítico “se” recíproco, notamos que o Gráfico 4 evidencia que a distribuição da presença e ausência do pronome com verbos pronominais: 71% e 29%, respectivamente. Isso significa que a diferença percentual entre a ocorrência ou não do clítico recíproco é de 42%. Esse índice é significativo e é argumento favorável à confirmação da hipótese de que o clítico recíproco sofre menos apagamento que o clítico reflexivo.

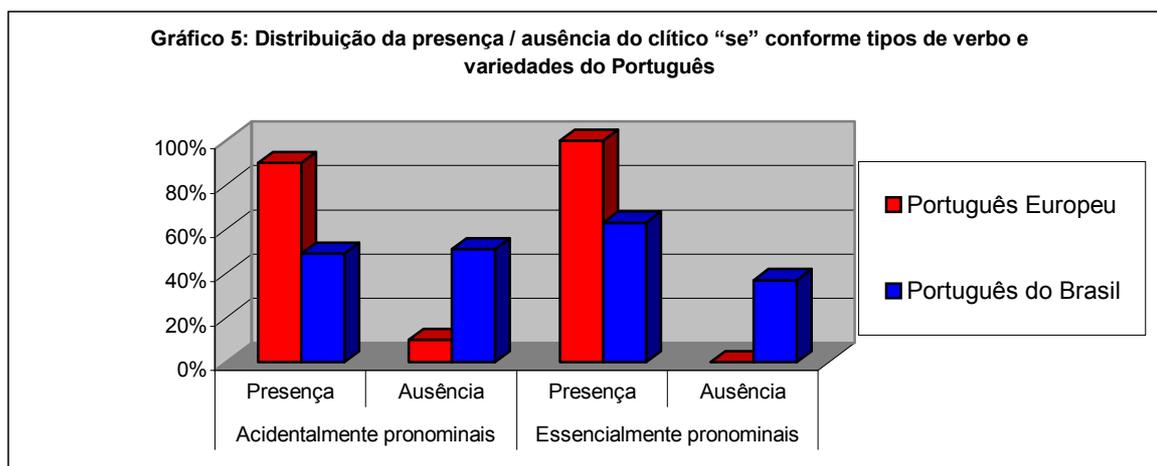
Estes resultados não endossam a afirmação de Moreira da Silva (1983) de que o emprego das formas reflexivas clíticas no PB estaria restrito à língua ‘standard’, uma vez que foi possível observar um índice significativo de emprego do “se” reflexivo ou recíproco, tanto com verbos essencialmente quanto acidentalmente pronominais no recorte proposto.

Isso pôde ser comprovado pelas diferenças percentuais encontradas na comparação da presença em relação à ausência do reflexivo com verbos acidentalmente e essencialmente pronominais que apresentaram os índices de 16% e 26% para a presença. Quanto ao recíproco com verbos acidentalmente pronominais, conforme foi exposto acima, esse índice é ainda mais acentuado, 42%.

---

<sup>40</sup> De acordo com os estudos sociolingüísticos entende-se por diferença significativa o valor percentual igual ou maior que 15% de diferença.

No gráfico, a seguir, apresentamos a distribuição da presença e ausência do clítico 'se', conforme o tipo de verbos em cada variedade do Português, separadamente, com a finalidade de fazer uma análise mais detalhada.



Pode-se depreender do Gráfico 5 que, no PE, a diferença percentual entre a presença de reflexivos nas sentenças em que os verbos são acidentalmente pronominais e a presença dos essencialmente pronominais está equilibrada. Afinal, são 100% de presença dos essencialmente pronominais e 90% de presença dos acidentalmente pronominais; tendo um índice de, apenas, 10% de ausência.

Com relação ao PB, os dados constantes no Gráfico 5 nos revelam que, há um resultado equilibrado para os verbos acidentalmente pronominais: 49% de presença e 51% de ausência do "se". A diferença é mais significativa quando se trata de verbos essencialmente pronominais, pois o resultado é de 63% de presença do clítico "se" e 37% de ausência. Os exemplos abaixo comprovam esses resultados:

- (1) Mas chegam a desempregar-se para não dar aos filhos. (E-5-2)<sup>41</sup>
- (2) Meu pai, graças a Deus, nesse assunto ele não Ø arrepende. (B-13-20)<sup>42</sup>
- (3) Se você mais tarde se arrepender, não pode reclamar. (B-13-25)
- (4) Ela estava subindo no escorregador e ela Ø desequilibrou e caiu. (B-18-3)

Como se vê, os exemplos (1) e (4) comprovam o emprego e o apagamento dos clíticos reflexivos com verbos acidentalmente pronominais. Já os exemplos (2) e (3) mostram o emprego e o apagamento “se” reflexivo com verbo essencialmente pronominal. Um dado interessante apontado pelos exemplos (2) e (3) é o fato de o mesmo falante empregar um mesmo item lexical verbal pronominalizado ou despronominalizado, o que foi também constatado por D’Albuquerque (1984).

Segundo Cegalla (1991), os verbos essencialmente pronominais são aqueles que só são usados com os pronomes átonos. Porém o que observamos a partir dos exemplos, é que há falantes que apagam o clítico reflexivo quando empregam verbos essencialmente pronominais.

Tendo em vista os resultados do Gráfico 5, é possível dizer que eles constituem-se em argumentos a favor da hipótese aventada neste trabalho de que o apagamento do clítico “se” com valor reflexo está correlacionado ao tipo de verbo: acidentalmente ou essencialmente pronominal. No PB, o número de apagamento das marcas de reflexividade é maior com verbos acidentalmente pronominais.

Vale dizer também que os resultados, referentes ao PB, mostram-se consistentes com os resultados de D’Albuquerque (1984), os quais também revelaram que a taxa de presença do clítico reflexivo é maior com os verbos

---

<sup>41</sup> A letra maiúscula E significa entrevista do PE e os números à direita representam o número da entrevista e dado.

<sup>42</sup> A letra maiúscula B significa entrevista do PB e os números à direita representam o número da entrevista e dado.

essencialmente pronominais, nas duas regiões pesquisadas por ela, quais sejam: Manhuaçu e Rio de Janeiro.

Para explicar o fato de alguns verbos pronominais conservarem os clítics em proporção maior que outros, D'Albuquerque utiliza-se de uma hipótese sintática e outra semântica.

Na hipótese sintática, a autora parte de duas generalizações para explicar a mudança lingüística. Primeiramente, ela recorre aos estudos em que Omena (1978) constatou que é bastante comum, na fala dos brasileiros, o cancelamento do objeto direto, quando representado por pronome pessoal de terceira pessoa. A partir dessa constatação, D'Albuquerque (1984) argumenta que, se o objeto direto não reflexivo pode ser apagado em sentenças construídas pelos falantes do PB, o reflexivo também poderá ser apagado. Esta explicação mostra o momento do encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade.

As sentenças abaixo, extraídas do *corpus* do PB, exemplificam o apagamento do clítico reflexivo nesta variedade do Português:

(5) Os empresários preferem ter uma pessoa que acabou de Ø formar.

(B-27-12)

(6) Ele chocou Ø com o goleiro.(B-27-1)

A segunda generalização é possibilitada pela primeira, pois a autora argumenta que, se o objeto direto reflexivo em verbos acidentalmente pronominais pode ser omitido, a omissão do pronome também pode ocorrer junto com verbos essencialmente pronominais.

De acordo com a autora, “a hipótese sintática fornece uma explicação para a maior conservação dos clíticos em verbos essencialmente pronominais, nos quais o valor semântico é menor.” (D’ALBUQUERQUE, 1984, p. 116), Nesse caso, os clíticos reflexivos são apreendidos por memorização, enquanto que, nos verbos acidentalmente pronominais, a perda pode ser maior pelo fato de que na língua já existe um processo geral de omissão do objeto direto não reflexivo.

Na hipótese semântica, a autora propõe que a falta da marca de reflexividade junto aos verbos como *levantar*, *sentar*, *deitar* e outros se explica pelo uso transitivo não reflexivo destes verbos representar uma situação anômala, pois nestas situações, o agente é também o objeto da ação. Essa superposição de papéis é sentida como tão óbvia que a marca reflexiva, torna-se dispensável.

Conforme D’Albuquerque, a língua comporta dois fatores opostos e que se equilibram: “ o fator semântico, que faz cair a marca morfológica de reflexividade semanticamente vazia e o fator léxico, que preserva o molde formal do verbo reflexivo.”(D’ALBUQUERQUE, 1984, p. 118)

Segundo a autora, o resultado da atuação dessas duas forças é exatamente o índice mais alto de presença da marca de reflexividade junto aos verbos essencialmente reflexivos, apesar da pouca numerosidade desse tipo de verbo na língua como um todo.

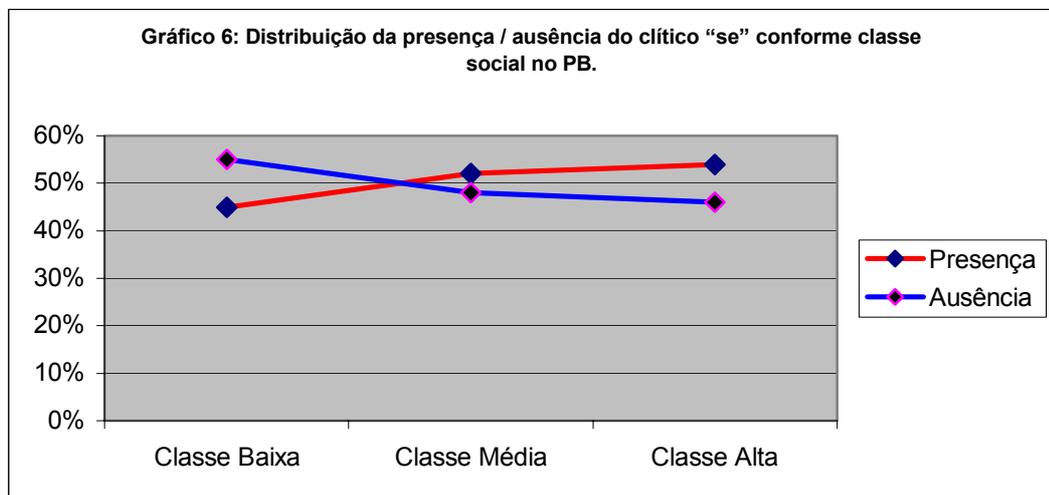
Parece-nos correto dizer que nosso ponto de vista é corroborado pelas conclusões de D’Albuquerque, uma vez que ao aventar a hipótese de que o apagamento do clítico “se” com valor reflexo está correlacionado ao tipo de verbo, pudemos constatar que o número de apagamento das marcas de reflexividade com verbos acidentalmente pronominais é significativamente maior, se comparado aos verbos essencialmente pronominais.

Na seqüência, analisamos a presença e a ausência do clítico “se” e os fatores externos à língua.

### 3.3 Fatores externos à língua X presença e ausência do clítico “se”

Conforme foi exposto no capítulo anterior, as amostras do português falado também foram submetidas à análise relativa aos fatores externos à língua, como faixa etária e classe social. Porém, o segundo fator não se aplica ao PE, uma vez que não tivemos acesso à classe social dos informantes. Assim, os resultados que envolvem classe social referem-se apenas ao PB.

O Gráfico 6, a seguir, mostra a distribuição da presença e ausência conforme a classe social no PB.

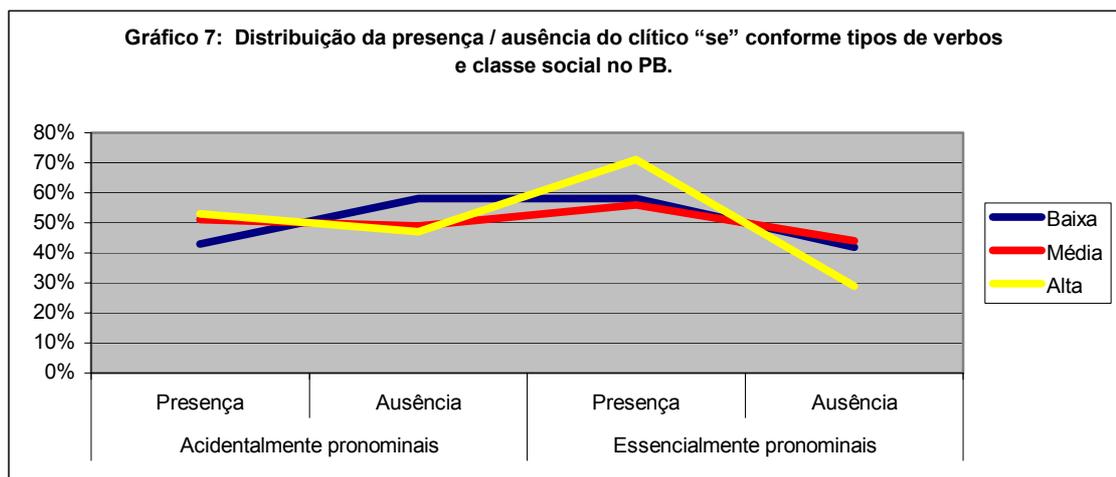


Pode-se depreender do Gráfico 6 que os percentuais de ausência do clítico “se” relativos aos grupos socioeconômicos em estudo evidenciam que não há estratificação por classe social, uma vez que a ausência do clítico em questão ocorre de maneira mais equilibrada nos três grupos, a saber: na classe baixa, o percentual

de ausência é de 55%; na classe média, o índice é de 48% e na classe alta, esse índice decresce para 46%.

Importante salientar que a maior diferença de percentual de ausência do clítico é de 9% e foi apresentada pela classe baixa em relação à classe alta. Portanto, a hipótese de que os falantes da classe social mais alta exibem maior frequência de emprego do pronome “se” com valor reflexo ou recíproco na língua falada não pôde ser confirmada, em virtude da diferença entre os percentuais de ausência nos três grupos socioeconômicos ser pouco significativa.

Vale lembrar que a questão central que norteia essa pesquisa é avaliar não apenas a ausência do clítico “se” reflexivo ou recíproco nas classes sociais, mas sobretudo, verificar se há alguma relação entre tipos de verbos, emprego ou não do pronome em questão e classe social. Desse modo, fizemos o cruzamento desses dois fatores, conforme pode ser observado no Gráfico 7:



Pode-se depreender do Gráfico 7 que, no PB, a diferença percentual de ausência do clítico “se” reflexivo com verbos acidentalmente pronominais é bastante similar nas classes média e alta. Os dados apresentados evidenciam que, do total de

ocorrências relativas à classe média, 49% é de ausência do clítico “se” de terceira pessoa em sentenças produzidas no PB e, na classe alta, esse índice decresce para 47%. Já, à classe baixa apresenta 58% de ausência do clítico “se” com verbos acidentalmente pronominais.

Vale notar que, a diferença de 10% não é significativa, em se tratando da ausência do pronome com verbos acidentalmente pronominais. Esse resultado foi apresentado pela classe baixa, em relação à classe alta. Isso nos autoriza a dizer que, numa leitura vertical, a classe baixa favorece o apagamento do clítico “se”.

Com relação aos verbos essencialmente pronominais, os resultados são um pouco diferentes e mais reveladores. Desse modo, os resultados do Gráfico 7 evidenciam que o maior percentual de ausência do pronome, 44%, ocorre entre os informantes pertencentes à classe média. Na classe baixa, o percentual de ausência é de 42% e na classe alta, 29%.

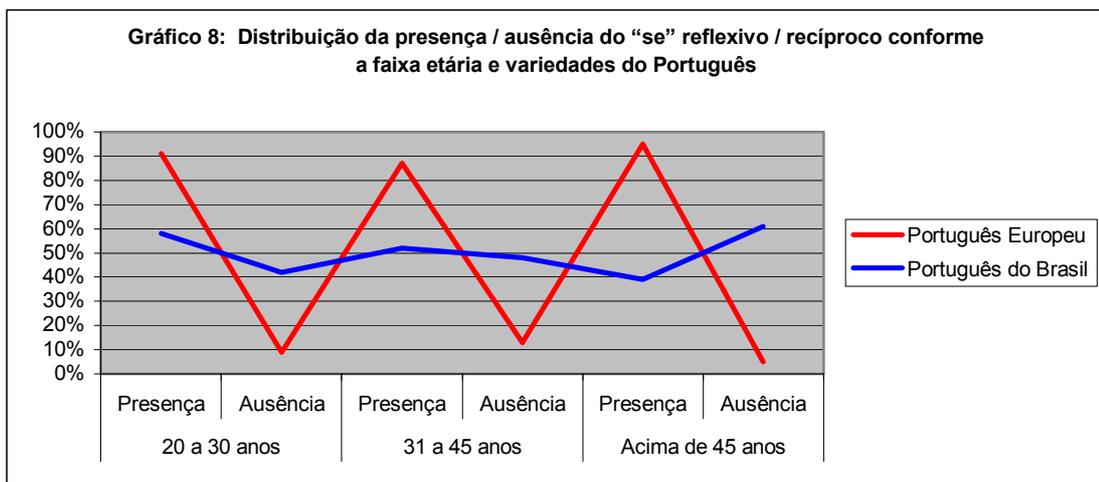
Notamos que a diferença de ausência do clítico “se” (13%) entre as classes baixa e alta não é significativa. Entretanto, é a diferença percentual (15%) apresentada na classe média, em comparação com a classe alta é a que nos autoriza a falar em percentual significativo de apagamento do pronome de terceira pessoa entre classes.

Tais resultados levam-nos à constatação de que os falantes dos grupos socioeconômicos mais altos exibiram, proporcionalmente, uma maior frequência de emprego das formas de prestígio e a classe baixa, menor, como já era esperado.

O que nos chama a atenção nesses resultados é o fato da classe média apresentar o percentual de supressão do clítico “se” com verbos essencialmente pronominais, um pouco mais elevado que as outras classes dentro do recorte proposto.

### 3.4 Presença e ausência do clítico “se” X faixa etária

Dando continuidade à análise relativa aos fatores externos à língua, o Gráfico 8, a seguir, dá-nos uma visão da distribuição da presença e da ausência do clítico “se”, conforme a faixa etária, considerando o total das amostras, ou seja, dados do PE e do PB:



Observando-se, primeiramente, os resultados que se referem ao PE temos no primeiro grupo etário (20 a 30 anos), um índice de 9% de ausência do pronome, no segundo grupo etário (31 a 45 anos), 13% de apagamento do pronome e no terceiro grupo (acima de 45 anos) temos um percentual de 5% de ausência do clítico “se”.

Esses resultados revelam que, com relação à idade, as diferenças percentuais de ausência do clítico “se” com valor reflexo no PE não é significativo. E vale dizer que a ausência desse clítico nas sentenças produzidas pelos falantes dessa variedade, se revela como um fenômeno de variação estável.

Em contrapartida, a diferença percentual da ausência (8%) entre as classes média e alta do PE não é significativa. De acordo com Tarallo (1990, p. 67) os grupos

socioeconômicos intermediários são os que se revelam mais suscetíveis a variação estilística.

Com relação ao PB, os dados do Gráfico 8 evidenciam que o apagamento do pronome pelo primeiro grupo etário (20 a 30 anos) atinge o percentual de 42%; no grupo intermediário (31 a 45 anos), a ausência do clítico alcança o índice de 48% e no terceiro (acima de 45 anos), o apagamento do pronome em sentenças construídas pelos falantes atinge um percentual de 61%.

Dadas as informações do Gráfico 8, nota-se que a diferença percentual da ausência do clítico “se” entre os falantes mais jovens e os falantes da faixa etária mediana do PB é bem equilibrada, ficando em torno de 6%. Em contrapartida, o terceiro grupo etário é responsável pelo maior índice de ausência do clítico “se” com valor reflexo, pois a diferença percentual da ausência do clítico “se” entre o grupo intermediário e o terceiro grupo alcança o índice de 13%. Essa diferença se acentua mais ainda, em se tratando da comparação entre o primeiro e terceiro grupo etário, chegando ao índice de 16%.

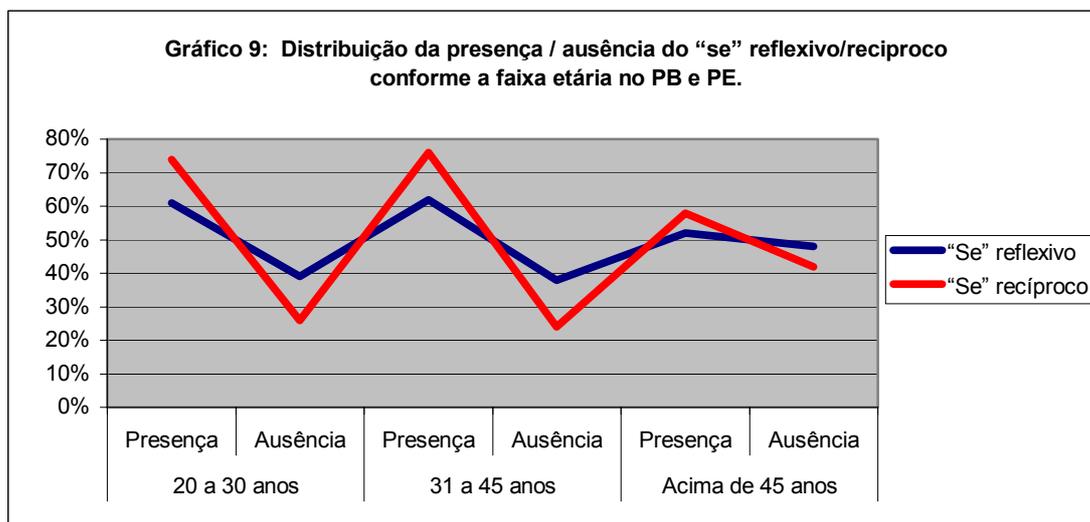
Os resultados do Gráfico 8, relativos ao PB, são similares aos que foram encontrados por Rocha (1999) em pesquisa cujo objetivo era verificar se a tendência de perda dos clíticos estaria também presente no dialeto mineiro falado na cidade de Ouro Preto.

Como resultado, a autora observou que não há uma correlação direta entre a variante zero e a faixa etária, pois, as probabilidades de apagamento do clítico em posição de objeto no PB obtidas por Rocha com base na idade dos informantes, em entrevistas sociolinguísticas foram: jovens (.59), medianos 1 (.29), medianos 2 (.52) e terceiro grupo etário (.58).

Portanto, esses resultados de Rocha evidenciam que não são os jovens, os responsáveis pela maior probabilidade de apagamento dos clíticos em posição de objeto, pois os falantes do terceiro grupo etário não se distinguem significativamente dos falantes da faixa etária mais jovem quanto ao apagamento do clítico “se”, já que apresentam apenas um ponto de diferença entre elas.

Assim, os dados acima não apenas isentam os mais jovens da responsabilidade de serem eles aqueles que apagam com maior frequência o clítico “se”, bem como revelam que o mais alto percentual de ausência de clíticos em sentenças do PB recai sobre o terceiro grupo etário.

O gráfico 9, a seguir, também apresenta uma visualização da relação entre a presença e a ausência do clítico “se” e faixa etária. Porém, o nosso objetivo neste gráfico é o de apresentar uma distribuição do clítico reflexivo e do recíproco, separadamente, considerando o total dos dados das duas variedades do Português.



Os resultados evidenciam que, com relação à faixa etária, a diferença percentual entre a ausência e a presença do clítico acentua-se quando se trata do pronome “se” recíproco. Na faixa etária mais jovem há um emprego de 26%, na

mediana, o índice de apagamento é de 24%, em oposição a um maior número de ausência do clítico apresentado pelo terceiro grupo etário.

Assim, as diferenças percentuais entre a ausência do clítico “se” entre os falantes da faixa etária mais jovem e os falantes acima de 45 anos é de 16%. E entre a faixa etária mediana e o terceiro grupo etário é de 18%. Esses resultados indicam que o terceiro grupo etário favorece o apagamento do clítico, em se tratando do “se” recíproco, por apresentar diferenças percentuais significativas em relação aos outros grupos etários.

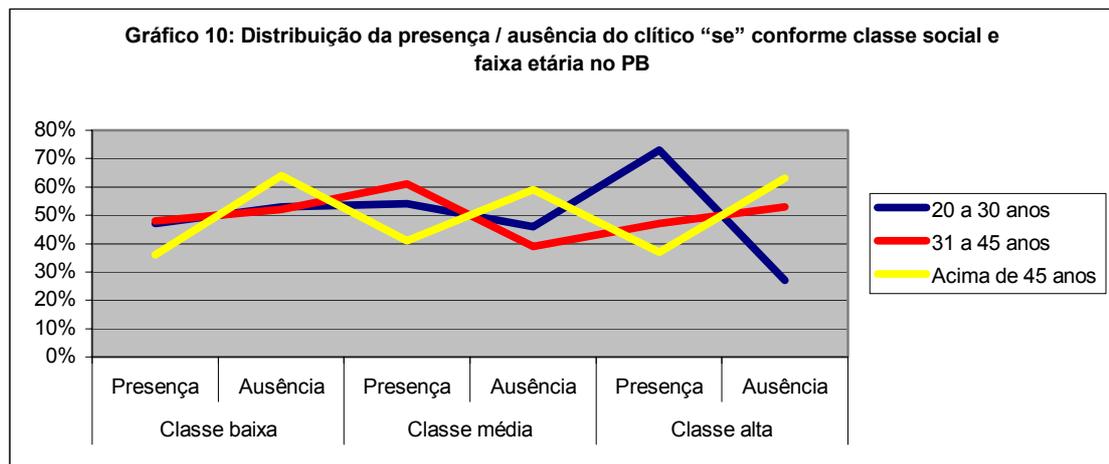
A respeito do “se” reflexivo, os dados do Gráfico 9 evidenciam que, ao considerarmos as duas variedades do Português, os mais jovens apresentam um índice de 39% de ausência do clítico “se”, já os falantes do grupo intermediário apagam o pronome num índice de 38%, enquanto que, na terceira faixa de idade, esse índice se eleva para 48%. Embora as diferenças percentuais entre as três faixas etárias sejam uma constante, nenhuma delas é significativa. O que pode ser observado é que a maior diferença percentual é de 10% e ocorre entre os falantes da faixa etária mediana e os falantes do terceiro grupo etário. Isso nos autoriza a afirmar que, mais uma vez, o terceiro grupo etário destaca-se como aquele que mais apaga o clítico “se”.

Tais resultados levam-nos à constatação de que os falantes do Português assumem um comportamento diferenciado frente ao tipo de clítico: reflexivo ou recíproco, pois os índices percentuais de apagamento do clítico reflexivo são mais elevados do que o recíproco.

Outra constatação evidenciada pelos resultados do Gráfico 9 é a de que o clítico “se” reflexivo ou recíproco, em se tratando da presença desses pronomes em sentenças produzidas pelos falantes do PE e PB, atinge um percentual mais

elevado do que a ausência nos três grupos etários, a saber: 61%, 62% e 52% do “se” reflexivo no primeiro, segundo e terceiro grupos etários, respectivamente. Já para o clítico “se” recíproco, os percentuais de presença são os seguintes: 74% na faixa etária mais jovem, 76% na mediana e 58% na terceira faixa etária. Portanto, o que se pode depreender desses dados é que os grupos etários mais jovens e medianos dão preferência a construções com “se” reflexo ou recíproco, em detrimento do apagamento do pronome.

Conforme apresentado acima, com relação à presença e a ausência do clítico “se”, a análise da variável em estudo, segundo a faixa etária, mostra que a ausência é mais acentuada em células específicas. Para evidenciar essa questão, apresentamos no Gráfico 10, a seguir, um recorte do cruzamento tridimensional entre a presença e a ausência do clítico “se”, a classe social e faixa etária no português do Brasil:



De acordo com Tarallo (1990) uma variável sociolinguística estável poderá correlacionar-se ao grupo socioeconômico, de maneira tal que a classe social mais alta terá os percentuais mais elevados da variante de prestígio. Com base nesse

princípio, seria de se esperar, portanto, que a classe social mais alta revelasse o índice mais elevado de emprego do clítico “se” reflexivo. Os dados do Gráfico 10, no entanto, não foram suficientes para comprovar a hipótese de que os falantes da classe mais alta empregam com maior frequência o clítico “se” na língua falada.

Analisando-se, primeiramente, a ausência do clítico “se” reflexivo por falantes pertencentes ao primeiro grupo etário (20 a 30 anos), observa-se que a classe social baixa apresentou maior percentual de ausência do clítico “se” reflexivo, 53%; a classe mediana apresentou o percentual de 46% e a classe alta apresentou o menor percentual de ausência do clítico “se”, 27%.

No segundo grupo etário (31 a 45 anos), a situação difere um pouco da primeira, uma vez que a porcentagem de apagamento do pronome na classe baixa é de 52%, na classe média esse índice cai para 39% e, novamente, sobe para 53% na classe alta.

No terceiro grupo etário (acima de 45 anos), os dados evidenciam que há uma elevação do apagamento nos três grupos socioeconômicos. Na classe baixa, há o registro do maior índice de ausência do pronome, 64%. Na classe média, o índice é de 59% e de 63% na classe alta.

Dadas as informações acima, depreende-se que, em relação à ausência do clítico “se” há uma diferença percentual significativa entre os jovens das classes baixa e média de 19%. Essa diferença acentua-se mais, ainda, quando se trata da comparação entre os jovens das classes baixa e alta, pois o índice é de 26%.

O fato de o percentual de ausência do clítico “se” ser significativamente menor entre os jovens da classe alta pode ser justificado a partir do pressuposto de que a escolaridade, segundo Tarallo (1990), tenha direta relevância sobre o desempenho lingüístico do falante. Nessa pesquisa, ao constatar que os jovens da classe alta

foram aqueles que mais empregaram o clítico “se” , observou-se também que, de acordo com o questionário de seleção dos informantes da pesquisa (Anexo 3), os informantes dessa faixa etária selecionados para compor o *corpus*, na maioria, estão cursando ou já concluíram o curso superior.

De acordo com a Tabela A, a seguir, constata-se que, do total de informantes dessa faixa etária, 20% concluíram o ensino médio (antigo colegial), 33% estão cursando o ensino superior e 47% já concluíram o ensino superior.

TABELA A

Caracterização dos informantes mais jovens, segundo o grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Nº	%
Colegial completo	3	20
Superior incompleto	5	33
Superior completo	7	47
Total	15	100

Portanto, o fato de os informantes dessa faixa etária terem atingido um nível mais elevado de escolaridade, como observamos na Tabela A, percebemos que a escola desempenha papel crucial no favorecimento da presença do clítico “se” reflexivo, uma vez que é ela que permite ao falante fazer sua escolha entre utilizar ou não o clítico ‘se’ reflexivo ou recíproco.

Com relação ao segundo grupo etário, a situação da classe média chamou-nos a atenção por apresentar a menor incidência de apagamento do clítico “se” em relação às classes baixa e alta. Parece-nos que, em relação ao emprego do pronome reflexivo de terceira pessoa, o comportamento da classe média, nesse

grupo etário, deve-se ao fato de esse grupo ser composto por pessoas que estão mais voltadas para as atividades profissionais e, por isso mesmo, fazem opção por empregar as formas de prestígio cumprindo as exigências do mercado de trabalho.

Finalmente, apresentam-se os dados relativos ao terceiro grupo etário que, além de evidenciar um alto índice de apagamento do pronome “se” por falantes pertencentes ao três grupos socioeconômicos, revelam também que a diferença percentual da ausência entre uma e outra classe é bastante equilibrada, pois ao compararmos as classes média e alta, observamos que a diferença é de 4 pontos percentuais e entre as classes média e baixa, 5 pontos percentuais. Esse equilíbrio leva-nos a afirmar que os falantes do terceiro grupo etário, independentemente da classe social, empregam o clítico “se” reflexivo, mas o fazem de modo parcimonioso, assumindo assim, um comportamento bastante similar ao dos jovens, fato também apontado por Duarte (1989), num trabalho sobre variação e sintaxe.

Em uma abordagem sociolinguística, essa autora faz um estudo sobre *clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil* com o objetivo de verificar quais contextos lingüísticos e extralingüísticos estariam atuando na realização da variável. O resultado a que ela chega, dentre outros, é que o comportamento dos informantes acima de 46 anos, com o 1º grau, é praticamente idêntico ao dos jovens, em se tratando dos clíticos e emprego do pronome lexical. Tal resultado leva a autora à constatação de que a escola é um meio “que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico e esse fator, associado à idade, é relevante na realização da sua variante.” (DUARTE, 1989, p.29).

Nosso trabalho corrobora a constatação da autora de que há uma estreita relação entre escolaridade e emprego do clítico “se”, haja vista a alta frequência de

apagamento do pronome “se” reflexivo pelos informantes pertencentes às três classes sociais do terceiro grupo etário.

A respeito desse resultado, vale salientar que, ao observar o questionário de seleção dos informantes da pesquisa (Anexo 3), os indivíduos dessa faixa etária, ao contrário dos mais jovens, possuem nível de escolaridade muito baixo.

De acordo com a Tabela B, a seguir, constata-se que, do total de indivíduos dessa faixa etária, 26,7% são analfabetos ou possuem primário incompleto e 46,7% têm primário completo ou ginásial incompleto. Somente 13,4% dos entrevistados, acima de 45 anos, possuem 5ª a 8ª (antigo ginásial completo), apenas 6,6% têm ensino médio completo (antigo colegial) e 6,6% concluíram o ensino superior.

TABELA B

Caracterização dos informantes acima de 45 anos, segundo o grau de escolaridade

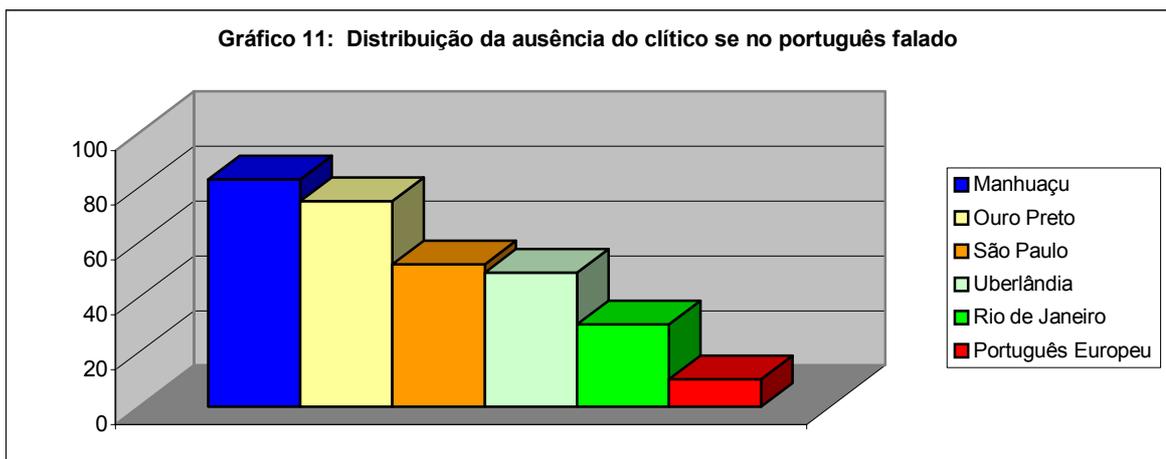
Grau de escolaridade	Nº	%
Analfabeto/ Primário incompleto	4	26,7
Primário completo/ Ginásial incompleto	7	46,7
Ginásial completo / Colegial incompleto	2	13,4
Colegial completo/ Superior incompleto	1	6,6
Superior completo	1	6,6
Total	15	100

Portanto, o fato de essa faixa etária ser àquela menos exposta à instrução escolar, ou seja, de ser uma faixa etária caracterizada por um baixo grau de

escolaridade, como se observou na Tabela B, é possível relacionar o apagamento do clítico “se” a essa faixa etária, uma vez que o reflexivo “se” é uma forma ensinada na escola e atestada pela Gramática Tradicional, daí a possibilidade de se observar que, quanto mais baixa a escolaridade, maior é índice de ausência do clítico “se” reflexivo ou recíproco.

### 3.5 Apagamento do Clítico “se” reflexivo no Português falado

Tomando como base os resultados obtidos em nossa pesquisa e a comparação realizada por Rocha (1999), entre os dialetos das cidades de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo e Português Europeu, foi possível verificar a posição da cidade de Uberlândia em relação a outras cidades brasileiras, no que diz respeito ao grau de apagamento do clítico “se”. É o que mostra o gráfico, a seguir:



**FONTE: ROCHA, Ângela de Fátima.** Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto. 1999. 145 f. **Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.**

O Gráfico 11 evidencia que, Manhuaçu é a cidade onde os falantes apagam o clítico com mais intensidade, apresentando um índice de 83%. Na seqüência, Ouro Preto e São Paulo aparecem apresentando percentuais de apagamento de 75% e 52%, respectivamente. Logo depois, temos Uberlândia, que apresenta uma diferença pouco significativa se comparada a São Paulo, 49% de ausência do “se” reflexivo. Já o Rio de Janeiro se configura como a cidade brasileira que menos apaga o clítico reflexivo/recíproco, apresentando uma porcentagem de 30%, conforme resultados de D’ALBUQUERQUE (1984). Por último, temos o índice de ausência de 10%, no PE, conforme os dados do gráfico.

Ao observar esses resultados e aqueles obtidos por Rocha, com exceção de Uberlândia, notamos que, tanto os dados de Rocha, quanto os nossos, revelaram que os falantes do PE são aqueles que apresentam menor índice de apagamento do clítico reflexivo: 10% e 8%, índices bastante equilibrados.

O resultado da análise dos dados, constantes nesta pesquisa, referentes à cidade de Uberlândia, provocou uma pequena alteração na hierarquia de apagamento do clítico “se”, uma vez que a referida cidade apresenta um percentual de ausência do “se” um pouco menor do que o observado na cidade de São Paulo. É uma diferença de apenas 3%, portanto, não significativa, mas suficiente para alterar a hierarquia supracitada.

Rocha (1999) apresenta um argumento bastante consistente para explicar a diferença de percentual de apagamento do reflexivo “se” da cidade de Ouro Preto em relação a outras cidades mineiras. Segundo a autora, a fala dos jovens da cidade de Ouro Preto é influenciada pela fala dos jovens universitários das demais regiões, que permanecem em Ouro Preto por determinado tempo.

A explicação de Rocha é bastante razoável para explicar o índice de apagamento do clítico “se” observado em Ouro Preto, uma vez que o fator escolaridade influencia a ausência ou presença da forma em estudo. Conforme tabelas A e B, apresentadas nesta pesquisa, a escolaridade indica um maior índice de apagamento do clítico reflexivo entre aqueles que têm menor escolaridade e favorece a presença do “se” reflexivo entre os falantes de maior nível de escolaridade.

Concluindo esta parte da pesquisa, resta-nos destacar que, neste capítulo foi desenvolvida a análise da presença e ausência do clítico “se” reflexivo ou recíproco no PE e PB.

A análise da presença e ausência do clítico em questão evidenciou que a diferença entre o percentual de ausência do “se” reflexivo/recíproco no PE e PB, na língua oral, é bastante significativa: pois quase metade dos falantes do PB dão preferência à categoria vazia em detrimento do clítico “se” que por sua vez é empregado expressivamente no PE.

A análise revelou que o clítico com valor reflexo no PE sofre menos apagamento que o recíproco, ao passo que, no PB, o clítico recíproco é a forma menos apagada pelos falantes. Além disso, a análise revelou que os verbos acidentais são mais susceptíveis a aparecerem sem o clítico “se” do que aqueles essencialmente pronominais.

Vale ressaltar que, quanto à hipótese de que o apagamento ou a substituição do clítico “se” reflexivo pelo pronome pleno “ele” constituem alternativas utilizadas pelos falantes das duas variedades, não foi confirmada uma vez que quanto ao apagamento, os dados mostram um alto índice de ausência do clítico reflexivo no PB, em relação à presença do mesmo no PE. Quanto à substituição do referido

clítico pelo pronome pleno “ele” em construções reflexivas, não foi encontrado entre os dados do PB e PE, nenhuma ocorrência. Portanto, nossos resultados não confirmam a proposta de Lemle (1985) de que o pronome “ele” no dialeto mineiro é pode ser empregado como um reflexivo.

Finalmente, o percentual de apagamento do clítico “se” ocorre nos três grupos sociais, entretanto, os falantes mais jovens da classe alta e de maior escolaridade são os que exibem maior frequência de uso do clítico “se” reflexivo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreendida a análise dos dados, voltamos às questões que nortearam esta pesquisa: a categoria vazia e o pronome pleno “ele” estariam se constituindo alternativas de substituição do clítico reflexivo “se” na língua oral, no Português do Brasil e no Português Europeu? Há relação entre o tipo de clítico e o seu apagamento? Verbos acidentalmente pronominais têm uma tendência maior a perder as marcas de reflexividade do que os verbos essencialmente pronominais? O apagamento do clítico “se” com valor reflexo ou reflexivo ocorre com maior frequência na fala dos informantes mais jovens? Qual a relação entre os falantes da classe social mais alta e a frequência de emprego do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco?

As respostas a estas questões podem ser resgatadas a partir das discussões desenvolvidas ao longo do capítulo anterior. Apoiando-se na análise referente à distribuição da presença e ausência do clítico “se” com valor reflexo ou recíproco nas variedades do Português, pode-se dizer que o clítico “se” reflexivo ou recíproco é um fenômeno em variação, significativamente, mais frequente no PB. Os resultados evidenciaram que, do total dos dados do PE, houve um percentual de apenas 10% de apagamento do clítico “se” com valor reflexo/recíproco, ao passo que, no PB o índice de apagamento do pronome foi de 49%. Isso significa que no PB há uma relativa preferência pela categoria vazia em detrimento do clítico “se”, enquanto que, no PE, a preferência pelo pronome é sensivelmente maior.

Quanto à substituição do clítico, em questão, pelo pronome “ele” em construções reflexivas, não foi encontrado entre os dados do PB e PE, nenhuma

ocorrência. Portanto, nossos resultados não confirmam a proposta de Lemle (1985) de que o pronome “ele” no dialeto mineiro pode ser empregado como um reflexivo.

Quanto ao “se” recíproco, os dados revelaram que o PE e o PB apresentam um quadro bastante similar: no PE há um percentual de 70% de presença e 30% de ausência e no PB, a ausência do pronome atinge um índice de 29% e presença de 71%.

Em suma, os resultados mostraram que no PE, o “se” reflexivo sofre menos apagamento que o “se” recíproco, ao passo que, no PB, os falantes tendem a conservar com maior frequência o clítico “se” recíproco com verbos pronominais.

Com relação aos tipos de verbos, por um lado, os dados demonstraram que o PE mantém em 100% o uso de reflexivos quando nas sentenças aparecem verbos que são essencialmente pronominais e apresenta um índice de 10% de ausência do “se” com verbos acidentalmente pronominais.

Por outro lado, os dados revelaram que, no PB, há um resultado equilibrado para os verbos acidentalmente pronominais: 49% de presença e 51% de ausência do “se”. A diferença é mais significativa no PB quando se trata de verbos essencialmente pronominais, pois o resultado é de 63% de presença do clítico “se” e 37% de ausência.

Esses resultados constituem argumentos a favor da hipótese aventada neste trabalho de que o apagamento do clítico “se” com valor reflexo está correlacionado ao tipo de verbo: acidentalmente ou essencialmente pronominal, uma vez que o número de apagamento das marcas de reflexividade é maior junto aos verbos acidentalmente pronominais.

A análise da distribuição da presença e da ausência do clítico “se” reflexivo, conforme a classe social, evidenciou que a variação em análise não apresentou estratificação por classe social, haja vista a presença e ausência do clítico “se” ocorrer de maneira mais ou menos uniforme em todos os grupos socioeconômicos.

Deve-se salientar que, sendo pouco significativa a diferença entre os índices de ocorrência ou não do clítico “se” nos três grupos sociais, a hipótese de que os falantes da classe social mais alta exibem proporcionalmente maior frequência do emprego do pronome com valor reflexo ou recíproco na língua falada não pôde ser confirmada.

Os resultados revelaram ainda que, com relação à idade, as diferenças percentuais de presença e ausência do clítico “se” com valor reflexo no PE não é significativo. Vale ressaltar que, nesta variedade, há uma interdependência entre faixa etária e ausência do clítico, uma vez que os falantes acima de 45 anos apresentam um índice muito baixo de apagamento do pronome.

A diferença percentual entre os falantes mais jovens e os falantes da faixa etária mediana do PB é bem equilibrada. Em contrapartida, o terceiro grupo etário é responsável pelo maior índice de ausência do clítico “se” com valor reflexo.

O resultado do cruzamento tridimensional entre a variável em estudo, classe social e a faixa etária apontaram para uma maior presença do clítico reflexivo “se” entre os falantes jovens e da classe social alta. Como os informantes desta idade e classe social, na maioria, estão cursando ou já concluíram o curso superior, consideramos que o fator escolaridade desempenha papel crucial no favorecimento da presença do clítico “se”.

Finalizando, a partir dos resultados evidenciados em nossa pesquisa e da comparação realizada por Rocha (1999) entre os dialetos das cidades de Ouro Preto, Manhuaçu, Rio de Janeiro, São Paulo e Português Europeu, foi possível verificar a posição da cidade de Uberlândia em relação a outras cidades brasileiras, no que diz respeito ao grau de apagamento do clítico “se”. Conforme os percentuais de ausência do clítico reflexivo observados, chegamos a seguinte escala:

Manhuaçu > Ouro Preto > São Paulo > Uberlândia > Rio de Janeiro > PE

Como podemos perceber, Manhuaçu e Ouro Preto lideram em termos de apagamento do clítico “se” reflexivo no PB, Uberlândia e São Paulo ocupam posições intermediárias e o Rio de Janeiro se caracteriza como a cidade brasileira em que a ausência do clítico “se” é menor. Já o PE se posiciona em último lugar na escala por apresentar o menor índice de ausência do clítico “se” reflexivo.

Em suma, a análise evidenciou que entre PE e PB há diferenças significativas, no que se refere à língua oral: no PB há uma relativa preferência pelo apagamento do clítico “se” reflexivo de terceira pessoa, enquanto que no PE, a preferência pelo emprego do pronome em questão é sensivelmente maior.

Podemos concluir que o fenômeno lingüístico, em questão, constitui-se em uma variação e mais um argumento a favor das alterações paramétricas no PB, uma vez que Cyrino (1993) afirma que uma alteração no parâmetro de uma língua envolve, não apenas uma mudança, mas outras que estejam ocorrendo simultânea ou quase simultaneamente.

Por fim, verificamos que os objetivos propostos foram alcançados. Além disso, algumas hipóteses puderam ser comprovadas pelos resultados estatísticos, e outras refutadas. Entretanto, reconhecemos que muitos pontos relativos ao clítico “se” reflexivo ou recíproco permanecem na obscuridade a espera dos olhares dos pesquisadores que se interessem em analisar tais clíticos sob a perspectiva da Sociolingüística Paramétrica, como por exemplo, investigar a presença e a ausência do clítico reflexivo no PE, no PB e no espanhol falado na América Latina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. 669 p.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991. 556 p.

CHEN, M. Y. WANG, W. S. Sound change: actuation and implementation. *Language*, Baltimore. 1975, apud D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. **Sociolingüística e ensino do vernáculo**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro 78/79, p. 97-120, jul. 1984.

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology* Chicago: University of Chicago Press, 1981, apud TARALLO, Fernando e KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

CRITÉRIO BRASIL. Disponível em: <<http://www.anep.org.br>>. Acesso em: 20 nov 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 714 p.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: M. KATO & I. ROBERTS. (orgs). **Português brasileiro – uma viagem diacrônica**. São Paulo: FAPESP, 1993. cap. 5, p. 163-175.

D'ALBUQUERQUE, A. C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. **Sociolingüística e ensino do vernáculo**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro 78/79, p. 97-120, jul. 1984.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: F. Tarallo (org). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-32.

GALVES, C. A interpretação “reflexiva” do pronome no português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Unicamp, 2001. cap. 4, p.61-69.

KAYNE, R. French syntax. Cambridge: The MIT Press. 1975, apud PIZZANELLI, N. L. F. **Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata**. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972. p. 183-259.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Blackwell: Oxford UK. Cambridge, USA, 2001.

LEMLE, M. Pronomes , anáforas, zero: observação sobre uma mudança lingüística. D.E.L.T.A, n. 1 e 2, São Paulo, 1985, apud GALVES, C. A interpretação “reflexiva” do pronome no português brasileiro. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Unicamp, 2001. cap. 4, p.61-69.

LUIZE, T. B. Entre o Português Europeu e o Português Brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis. Dissertação de Mestrado. UFSC. 1997, apud PIZZANELLI, N. L. F. **Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata**. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MOREIRA DA SILVA, S. Etudes sur la symétrie et l'asymétrie sujet/objet dans le Portugais du Brésil. Paris: Université de Paris VIII, Département de Linguistic Générale: Tese de doutorado, 1983, apud ROCHA, A. F. **Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto**. 1999. 145 f. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

NUNES, J. O famigerado se: Uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. Dissertação de mestrado. Unicamp, São Paulo, 1990, apud ROCHA, A. F. **Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto**. 1999. 145 f. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

OMENA, N. P. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 1978. 139 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Departamento de Letras, PUC, Rio de Janeiro, 1978.

OSTHOFF, H. & K. BRUGMANN. Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen, I. Leipzig. Trad. In: Lehmann, W. P., ed. 1967. A Reader in Nineteenth-century historical Indo-European linguistics. Bloomington and London, Indiana University Press, apud TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa**. Ática, 1990. p. 56-66.

PAGOTTO, E. G. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. 1992. 170 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1992.

PICALLO, M. C. The infl node and the null subject parameter. (1984) Linguistic Inquiry, apud TARALLO, Fernando. & KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

PIZZANELLI, N. L. F. **Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata**. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

RIZZI, L. Issues in Italian Syntax. (1982) Dordrecht: Foris, apud TARALLO, Fernando & KATO, Mary **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

ROCHA, A. F. **Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto**. 1999. 145 f. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

ROCHA, L. C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 375 p.

SANKOFF, G.; TARALLO, F. Relativization and anaphora in spoken language. Documentação de estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 1987, apud TARALLO, Fernando & KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

SILVEIRA, G. O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro. Dissertação de mestrado. UFSC. 1997, apud PIZZANELLI, N. L. F. **Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Rio de la Plata**. 1998. 89 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990a, 96 p.

\_\_\_\_\_. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990b. 208 p.

TARALLO, F. & KATO, M. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

TORREGO, E. On inversion in Spanish and some of its effects. *Linguistic Inquiry*, 1984, apud TARALLO, Fernando & KATO, Mary. **Harmonia Trans-sistêmica: Variação Intra e Inter-Lingüística**. Preed. 5. Campinas: Unicamp, 1989, 41 p.

VEADO, R. M. A. Comportamento lingüístico do dialeto rural-MG. Dissertação de mestrado. 1980, apud ROCHA, A. F. **Clíticos reflexivos: uma variante sociolingüística na cidade de Ouro Preto**. 1999. 145 f. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

WEINREICH, E.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. Artigo publicado in: Lehmann, W. & Malkiel, Y., eds. *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968. In: TARALLO, F. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990. p. 56 –61.

**ANEXOS**

## ANEXO 1: TABELA DOS INFORMANTES DA PESQUISA

INFORMANTE	SIGLA	FAIXA ETÁRIA	CLASSE SOCIAL
01	MIMR	31 a 45 anos	classe alta
02	WOG	acima de 45 anos	classe média
03	FTC	20 a 30 anos	classe média
04	SMT	acima de 45 anos	classe alta
05	BK	acima de 45 anos	classe baixa
06	CAS	20 a 30 anos	classe alta
07	LVG	20 a 30 anos	classe baixa
08	IRF	31 a 45 anos	classe baixa
09	LAFA	20 a 30 anos	classe baixa
10	SPRP	31 a 45 anos	classe média
11	CAM	20 a 30 anos	classe alta
12	HTC	acima de 45 anos	classe alta
13	AMO	20 a 30 anos	classe baixa
14	SAG	acima de 45 anos	classe média
15	RAP	20 a 30 anos	classe baixa
16	MTAL	31 a 45 anos	classe média
17	TRM	20 a 30 anos	classe média
18	MRPM	20 a 30 anos	classe alta
19	LD	31 a 45 anos	classe alta
20	AAG	20 a 30 anos	classe média
21	RACS	31 a 45 anos	classe baixa
22	NAS	20 a 30 anos	classe baixa
23	JBM	acima de 45 anos	classe média
24	KA	31 a 45 anos	classe alta
25	FEB	20 a 30 anos	classe média
26	GAT	20 a 30 anos	classe alta
27	AM	31 a 45 anos	classe média
28	FAM	20 a 30 anos	classe alta
29	AARS	31 a 45 anos	classe baixa
30	IMG	acima de 45 anos	classe baixa
31	WS	acima de 45 anos	classe baixa
32	MFM	acima de 45 anos	classe baixa
33	EAS	acima de 45 anos	classe média
34	HHSM	acima de 45 anos	classe média
35	JSM	acima de 45 anos	classe alta
36	FAS	31 a 45 anos	classe baixa
37	EAM	acima de 45 anos	classe alta
38	SMS	31 a 45 anos	classe baixa
39	NLVBG	31 a 45 anos	classe média
40	LHFR	31 a 45 anos	classe média
41	RCR	31 a 45 anos	classe alta
42	FPB	acima de 45 anos	classe baixa
43	EPS	acima de 45 anos	classe alta
44	GCCM	20 a 30 anos	classe média
45	AABR	31 a 45 anos	classe alta

## ANEXO 2: CRITÉRIO BRASIL

### CRITÉRIO BRASIL-

#### CRITÉRIO BRASIL MEDE O PODER AQUISITIVO DO CONSUMIDOR

O objetivo do Critério Brasil é medir o poder aquisitivo do consumidor. Os critérios para classificação social do País foram estabelecidos pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) e ANEP (Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado), com a participação da Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (Abipeme), com base nos Levantamentos Socioeconômico de 1993 e 1997.

#### Cinco classes econômicas

A classificação socioeconômica do Brasil foi estratificada em cinco classes, sendo que as duas de maior poder aquisitivo foram subdivididas.

Classe	Pontos
A1	30-34
A2	25-29
B1	21-24
B2	17-20
C	11-16
D	6-10
E	0-5

#### Como se calcula

O sistema de pontuação é baseado na posse de bens de consumo duráveis, instrução do chefe da família e outros fatores, como a presença de empregados domésticos.

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)	0	1	1	1	1

Grau de instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/Primário incompleto	0
Primário completo/Ginásial incompleto	1
Ginásial completo/Colegial incompleto	2
Colegial completo/Superior incompleto	3
Superior completo	5

### Levantamento Socioeconômico

O aumento do poder aquisitivo das classes mais baixas verificado nos últimos anos, principalmente após o Plano Real, gerou um deslocamento da pirâmide social brasileira em direção ao topo. Essa mutação se deve ao aumento da posse de bens duráveis, base para a aferição dos critérios de classificação social.

O Critério Brasil veio atualizar a distribuição da população brasileira por classes, representando mais adequadamente o potencial de consumo de cada extrato da sociedade.

## ANEXO 3: QUESTIONÁRIO PARA SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ anos  
 Sexo: \_\_\_\_\_ ( ) feminino ( ) masculino  
 Residência: \_\_\_\_\_  
 Local de  
 Nascimento: \_\_\_\_\_

Por favor, preencha os quadros abaixo.

a)

Posse de itens	Não tem	Tem			
		1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Aspirador de pó					
Máquina de lavar					
Videocassete					
Geladeira					
Freezer (independente ou parte de geladeira duplex)					

b)

Grau de instrução do chefe da família	
Analfabeto/Primário incompleto	
Primário completo/Ginasial incompleto	
Ginasial completo/Colegial incompleto	
Colegial completo/Superior incompleto	
Superior completo	

## ANEXO 4: ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Nome completo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ anos  
Sexo: \_\_\_\_\_ ( ) feminino ( ) masculino  
Residência: \_\_\_\_\_  
Local de nascimento: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES:**

- 1) Como você se vê ou se descreve?
- 2) Fale um pouco sobre a sua família.
- 3) O que você acha da situação econômica do nosso país?
- 4) Comente a respeito do nosso presidente.
- 5) Se você fosse o presidente Luís Inácio da Silva, o Lula, o que você faria?
- 6) E sobre os nossos jovens, o que você tem a dizer?
- 7) Você acha que as drogas são um problema para eles? Que conseqüências elas podem trazer para seus usuários?
- 8) O que você faria se fosse o pai ou a mãe de um viciado em drogas?
- 9) A realidade em que vivemos é muito difícil. Se você fosse um super-herói, qual você gostaria de ser? O que você faria para mudar essa realidade?
- 10) Se você fosse vítima de qualquer violência, como roubo, assalto, seqüestro ou outros, o que você faria?
- 11) Se você pudesse mudar para outro lugar, para onde você iria? Por quê? O que você faria neste lugar?

12) Se você fosse dono de uma importante emissora de televisão, o que você mudaria na programação da tevê? Por quê?

13) O que você faria se descobrisse que alguém está mentindo para você?

14) Você mentiria para alguém? Em que situações? Por quê?

15) Se você pudesse mudar alguma coisa no seu passado, o que você faria?

16) JOGO RÁPIDO! Responda: O que você faria se...

- a) ... ganhasse sozinho na loteria?
- b) ... visse uma pessoa passando mal na rua?
- c) ... acreditasse que o mundo acabaria na semana que vem?
- d) ... tivesse um poder semelhante ao do gênio da lâmpada de Aladim?
- e) ... encontrasse um bebê abandonado à sua porta?

17) Você gosta de esportes? Costuma assistir aos jogos da Seleção de futebol?

O que você pensa sobre os jogadores? Qual é o atleta brasileiro que você mais admira? Por quê? Você pratica algum tipo de esporte?

18) Você tem boa memória? Como foi sua infância? Você brincava muito? Seus irmãos faziam parte das suas brincadeiras? De que costumavam brincar? Descreva uma das brincadeiras que você sente saudades? Seus filhos brincavam muito enquanto crianças? Como você percebe o relacionamento deles? Descreva. Seus filhos são crianças que se machucavam muito?

19) O que você pensa sobre os programas de televisão? Se alguém perguntasse a você sobre o que fazem os participantes do BBB, o que você diria? Pelo tempo que as pessoas que participam do BBB ficam na casa, você acha que elas ficam realmente carentes? Por quê?

20) Você conhece alguém que se mudou de nossa cidade, nos últimos anos? Para onde se mudou? Por que se mudou? Você sentiu triste?

21) Por qual motivo as pessoas fazem festas? Você já foi a uma festa de casamento em que tenha dito: “Esta ficará na história!”? Quem se casou? O que aconteceu? Fale sobre um casal que você admira muito?

22) Você já se decepcionou com alguma pessoa muito conhecida? Ela pediu desculpas? Como a pessoa reagiu?

23) Fale um pouco sobre sua mãe? E o seu pai? Conte a história de uma pessoa que você conhece e que você a considera como alguém que venceu na vida.

24) O que você pensa sobre o suicídio? Na sua opinião, o que leva uma pessoa a fazer isso? Você sabe de algum caso em que alguém cometeu suicídio? Como foi?

25) O que você pensa sobre a segurança em nossa sociedade? Como você imagina a vida de um presidiário? Como você acha que deveria ser?

26) O que você acha da situação do idoso hoje? Fale um pouco sobre uma pessoa idosa que você conhece e que você a admira muito.

## ANEXO 5: TABELAS DE RESULTADOS DA PESQUISA

**TABELA 1**

Distribuição da presença/ausência do clítico “se” no PE e PB.

Variável	Variedades do Português	Presença		Ausência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
SE	PE	170	90	18	10	188	100
	PB	335	51	325	49	660	100
TOTAL 100	PE e PB	505	59	343	41	848	

**TABELA 2**

Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco no PB e PE.

Tipo Clítico	Presença		Ausência		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Reflexivo	468	59	327	41	795	100
Recíproco	37	70	16	30	53	100
Total	505	59	343	41	848	100

**TABELA 3**

Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a variedade do Português.

Tipo de Clítico	Variedades do português	Presença		Ausência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Reflexivo	PE	163	92	15	8	178	100
	PB	305	49	313	51	618	100
Recíproco	PE	1	70	3	30	10	100
	PB	30	71	12	29	42	100
Total	PE e PB-reflexivo	468	59	328	41	796	100
	PE e PB-recíproco	37	71	15	29	52	100

**TABELA 4**

Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme tipo de verbo no PB e PE.

Tipo de Clítico	Tipos de verbo	Presença		Ausência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Reflexivo	Outros verbos	3	100	0	0	3	100
	Acidentalmente pronominais	429	58	306	42	735	100
	Essencialmente pronominais	36	63	21	37	57	100
Recíproco	Outros verbos	1	50	1	50	2	100
	Acidentalmente pronominais	36	71	15	29	51	100
Total	Ref. Rec.	505	59	343	41	848	100

**TABELA 5**

Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbo e variedades do Português.

Variável	Tipos de verbo	Variedades do português	Presença		Ausência		Total	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%
Se reflexivo ou recíproco	Outros verbos	PE	0	0	0	0	0	0
		PB	4	100	0	0	4	100
	Acidentalmente pronominais	PE	169	90	18	10	187	100
		PB	296	49	304	51	600	100
	Essencialment e pronominais	PE	1	100	0	0	1	100
		PB	35	63	21	38	56	100
Total	Ref. Rec. no	PE e PB	505	60	343	40	848	100

**TABELA 6**

Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social no PB.

Variável	Classe social	Presença		Ausência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítico “se” ref. rec.	Baixa	81	45	100	55	181	100
	Média	131	52	122	48	253	100
	Alta	123	54	103	46	226	100
Total	Ref. Rec. no PB	335	51	325	49	660	100

TABELA 7

Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme tipos de verbo e classe social no PB.

Variável	Tipos de verbo	Classe social	Presença		Ausência		Total	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítico “se”	Outros verbos	Baixa	2	100	0	0	2	100
		Média	2	100	0	0	2	100
		Alta	0	0	0	0	0	0
	Acidentalmente pronominais	Baixa	68	43	92	58	160	100
		Média	120	51	115	49	235	100
		Alta	108	53	97	47	205	100
	Essencialment e pronominais	Baixa	11	58	8	42	19	100
		Média	9	56	7	44	16	100
		Alta	15	71	6	29	21	100
	Total	.B.M.A no PB		335	51	325	49	660

**TABELA 8**

Distribuição da presença/ausência do “se” reflexivo/recíproco conforme a faixa etária e variedades do Português.

Variável	Faixa etária	Variedade do Português	Presença		Ausência		Total	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítico “se” Ref. rec	20 a 30 anos	PE	31	91	3	9	34	100
		PB	150	58	108	42	258	100
	31 a 45 anos	PE	83	87	12	13	95	100
		PB	116	52	107	48	223	100
	Acima de 45 anos	PE	56	95	3	5	59	100
		PB	69	39	110	61	179	100
Total	PE e PB – F.E.	505	60	343	40	848	100	

**TABELA 9**

–Distribuição da presença/ausência do “se” ref. rec.conforme faixa etária no PB e PE.

Variável	Faixa etária	Presença		Ausência		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Se reflexivo	20 a 30 anos	167	61	106	39	273	100
	31 a 45 anos	183	62	114	38	297	100
	Acima de 45 anos	118	52	108	48	226	100
Se recíproco	20 a 30 anos	14	74	5	26	19	100
	31 a 45 anos	16	76	5	24	21	100
	Acima de 45 anos	7	58	5	42	12	100
Total	PE e PB – Ref. Rec. F. etária	505	60	343	40	848	100

**TABELA 10**

Distribuição da presença/ausência do clítico “se” conforme classe social e faixa etária no PB.

Variável	Tipos de verbo		Presença		Ausência		Total		
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Clítico “se”	20 a 30 anos	Baixa	36	47	41	53	77	100	
		Média	50	54	43	46	93	100	
		Alta	64	73	24	27	88	100	
	31 a 45 anos	Baixa	29	48	31	52	60	100	
		Média	47	61	30	39	77	100	
		Alta	40	47	46	53	86	100	
	Acima de 45 anos	Baixa	16	36	28	64	44	100	
		Média	34	41	49	59	83	100	
		Alta	19	37	33	63	52	100	
	Total	Ref. rec. Faixa etária e C. social no PB		335	51	325	49	660	100

**TABELA 11**

Distribuição da ausência do clítico “se” reflexivo no português falado

Dialeto	“Se”		Ø		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Manhuaçu	54	16	265	83	319	100
Ouro Preto	117	25	351	75	468	100
São Paulo	227	48	243	52	470	100
Uberlândia	335	51	325	49	660	100
Rio de Janeiro	549	70	229	30	778	100
Português Europeu	170	90	18	10	188	100